DOCUMENTOS

Proclamação
Programa dos Comunistas (Bolcheviques) Revolucionários Soviéticos

EDIÇÕES MARIA DA FONTE

EDIÇÕES MARIA DA FONTE

TÍTULO: **Proclamação-Programa dos Comunistas (Bolcheviques) Revolucionários Soviéticos**

EDITOR: **MARIA ISABEL PINTO VENTURA**

CONTA ....

40$00

Edições Maria da Fonte

EDIÇÕES MARIA DA FONTE

Livros publicados:

Colecção «Textos Maria da Fonte»

Série A:

1 — Trotsky e o Trotskismo — Vários (1.ª edição esgotada. Reedição em Novembro)

2 — Marx e os Sindicatos — A. Losowski (1.ª e 2ª. edições esgotadas. Reedição em Outubro)

3 — Mao Tsé-tung e a Política de Partido — Mao Tsé-tung (1.ª edição esgotada. Reedição em Dezembro)

4 — O P. T. A. e a Luta contra o Revisionismo — Enver Hoxha, Ramiz Alia e Nexhmije Hoxha

5 — Dimitrov e a Luta Sindical — Georges Dimitrov

Série B:

1 — A Metade do Céu — Claudie Broyelle (1.ª edição esgotada. Reedição em Novembro)

Colecção «Textos Marte»

1 — Arte e Ciência da Guerra — Clausewitz

Colecção «Textos Confronto»

1 — Um Mundo Melhor — Jean Baby

Colecção «Documentos»

1 — Sobre o Trabalho de Propaganda / Um Congresso Histórico — Mao Tsé-tung, Chou En-lai e Wang Hong-wen (1.ª edição esgotada)

2 — A Linha Política Revolucionária do P. C. do Brasil (M.-L.)

Colecção «Libertação Nacional»

1 — Quem é o Inimigo? Qual é o Nosso Objectivo? — Agostinho Neto (1.ª edição esgotada)

2 — Manual Político do P. A. I. G. C. (1.ª edição esgotada)

3 — Textos e Documentos do MPLA sobre a Revolução Angolana — Vários

A sair:

Castro, Debray contra o Marxismo-Leninismo — Antoine Petit

Combater o Revisionismo — uma tarefa Revolucionária — Enver Hoxha

Proclamação Programa dos Comunistas (Bolcheviques) Revolucionários Soviéticos

Colecção «DOCUMENTOS»

Dirigida por: Manuel Quirós

Editor: Maria Isabel Pinto Ventura

Tradutor: André Martins

Capa: Maria José Sacadura

© Para a versão portuguesa de Edições Maria da Fonte

Proclamação Programa dos Comunistas (Bolcheviques) Revolucionários Soviéticos

I — OS CHEFES DE FILA OPORTUNISTAS DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA SOB A MÁSCARA DO MARXISMO.

No desenvolvimento do movimento comunista, vemos hoje aproximar-se o momento decisivo. Nas condições em que cada partido comunista tem de tomar, por conta própria, uma decisão histórica, enveredando pela via do marxismo-leninismo revolucionário ou então pela do oportunismo, é necessário que os comunistas de todo o mundo oiçam também a voz dos seus camaradas soviéticos.

Actualmente, a sua opinião é pretensamente expressa pelas decisões e declarações da actual direcção do Partido Comunista da União Soviética. No entanto, quem conhecer, por pouco que seja, a vida interior do nosso país, quem tenha tido o menor contacto com as massas do nosso povo e os simples membros do partido, sabe que todas essas decisões e declarações não só não traduzem as convicções e as verdadeiras intenções da esmagadora maioria dos Soviéticos, da esmagadora maioria dos membros do Partido Comunista da Unão Soviética, mas que, pelo contrário, lhes são diametralmente opostas.

Na denúncia do oportunismo moderno, os comunistas da China e da Albânia deram provas dum profundo espírito de princípio e de abnegação revolucionária. Os documentos do Partido Comunista da China e do Par-

tido do Trabalho da Albânia dão-nos uma visão de conjunto da via da renegação e da traição em que caíu a direcção do Partido Comunista da União Soviética, depois da morte de Staline. De modo que, muitas vezes, não faremos mais do que repetir e concretizar as teses dos camaradas chineses e albaneses. Mas, também nesses casos, falaremos, em princípio, em nosso nome, para que o mundo saiba que o comunismo soviético pensa assim, que milhões de comunistas soviéticos pensam assim. Mas consideramos que o nosso dever mais importante consiste em descobrir os motivos que causaram o antagonismo entre a direcção do Partido Comunista da União Soviética, por um lado, e a massa dos comunistas soviéticos, do povo soviético, por outro. Os dirigentes oportunistas do PCUS devem ser desmascarados a partir da retaguarda, do ponto de vista da sua posição social na URSS, onde não podem dissimular com nenhuma máscara o seu conteúdo podre, onde, de facto, usurparam o poder e se colocaram numa posição oposta ao povo.

É excessivamente difícil compreender, do exterior, esta situação muito complexa. Mas é absolutamente indispensável compreendê-la tanto do ponto de vista prático como teórico. Aqui chocamos com um fenómeno que representa em si o perigo «interno», que é, por consequência, o mais sério para o movimento comunista, com um fenómeno que nos ameaçará no decorrer de toda a etapa de passagem do capitalismo ao comunismo. A compreensão da situação dos oportunistas na URSS ajudará os partidos comunistas e operários do mundo a apreciarem, de modo ainda mais justo, até a sua actuação na arena internacional, a sua hiprocrisia em relação aos movimentos revolucionários e de libertação, a deformação que fazem da ideia de luta pela paz.

Somos da opinião que não nos é necessário demonstrar que o nó das contradições no actual movimento comunista se formou à volta da questão do «culto da personalidade». Cada uma das partes em causa considera essa questão como a pedra de toque de fidelidade ao marxismo-leninismo. E isso é natural, pois trata-se da primeira experiência feita pela ditadura

do proletariado. É evidente que, sem esclarecer esta questão, o movimento comunista não pode andar para a frente.

Num dado momento (logo a seguir ao XX Congresso do PCUS), as críticas do «culto da personalidade» enganam muitos comunistas, com o carácter sensacional e aparentemente verídico das suas denúncias. Mas nem nessa altura os oportunistas conseguiram aliciar os combatentes proletários mais resolutos e experimentados; então, estes camaradas — e, em primeiro lugar, os comunistas da China e da Albânia — compreenderam o carácter vil e caluniador da campanha desencadeada pela direcção do PCUS. Os anos seguintes mostraram o enorme prejuízo que as manobras dos oportunistas causaram ao movimento comunista, que, de maneira nenhuma, estava em estado de encontrar uma solução positiva para os problemas urgentes que se punham a esse mesmo movimento comunista. Os acontecimentos destes últimos tempos mostraram claramente a essência demagógica das vociferações oportunistas sobre o «culto da personalidade», o seu carácter contra-revolucionário e antimarxista.

Com efeito, os oportunistas começaram pela crítica do «culto da personalidade» de Staline e acabaram na crítica do «culto da personalidade» de Kruchtchev. E aqui o facto é que não foi só o próprio Kruchtchev, — que os oportunistas exaltavam como um «grande marxista», título que não tinham intenção de dar a mais ninguém — o culpado do pecado que antes criticou a Staline. Para dizer a verdade, o caso Kruchtchev revelou nitidamente o carácter absurdo da própria atitude dos oportunistas, das suas patranhas sobre o «culto da personalidade», quando a explicação social das formas da ditadura do proletariado é substituída pela concepção subjectivista acerca do domínio dum homem no Estado socialista. É preciso ter perdido qualquer noção do materialismo histórico para pretender semelhantes coisas. A personalidade titânica de Staline dava ainda ao mito o aspecto de uma verdade. Mas o caso de Kruchtchev desacreditou definitivamente os revisionistas. Não se pode pensar que Kruchtchev tivesse qualquer personalidade, qualquer mérito pessoal. Até uma

criança o sabe na URSS. Não é segredo para ninguém que o culto de Kruchtchev foi criado (e até à custa de grandes esforços) pela sua corte. A base social da autoridade pessoal, neste caso, surgia com clareza. Para os marxistas, é evidente que as qualidades do dirigente são directamente determinadas pelo meio social, que o gera. E temos muitas coisas para dizer se compararmos, neste sentido, Staline e Kruchtchev.

No entanto, é um facto, dirão os oportunistas, que, durante um longo período, Staline foi o dirigente todo-poderoso do Estado soviético e do Partido Comunista da União Soviética e que cantavam hinos à sua glória. E nós não temos qualquer intenção de o negar. Mas como explicar que pessoas, que dizem ser marxistas, pretendam que era por acaso que isso se fazia apesar da vontade do Partido e do povo, que o Partido e o povo edificavam o socialismo em oposição a Staline e sem ele? Como podem admitir que um homem, que não se apoiava em nenhum grupo social, que não representava nenhuma classe, só com a força do seu espírito e do seu carácter, tenha abanado pelos colarinhos, 30 anos de seguida, um Partido e um Estado inteiros?

Os críticos do «culto da personalidade», que acreditam na possibilidade de um tal arbítrio extraordinário impunemente exercido, elevam Staline ao nível dum super-homem, afastam-se do marxismo e admitem o «culto da personalidade» em teoria. A clara história da luta de classes que o povo soviético levou a cabo, durante trinta anos, pelo socialismo, nos escritos destes traidores do marxismo perde todo o seu grandioso significado social e transforma-se numa espécie de mistério sombrio, numa verborreia obscura, baixa e repugnante, onde as calúnias vêm umas atrás das outras. O quadro que os oportunistas pintam pode impor-se à imaginação dum pequeno-burguês, deve convir extremamente às veleidades do intelectual pequeno-burguês, que anda sempre embebido na sua personalidade e, por isso, aqui, está disposto a atribuir tudo à vontade pessoal. Mas os marxistas não se podem contentar com as fábulas da vontade pessoal do pequeno-burguês e, claro, têm de analisar as causas sociais de tal situação.

É preciso vincar que a necessidade desta análise é claramente entendida pela maioria dos comunistas soviéticos; também aqui se fez sentir o efeito da grande escola de educação marxista por que passaram. Logo a seguir ao XX Congresso, nas assembleias gerais das organizações de base do PCUS, fizeram-se ouvir, em massa, os simples membros do Partido, exigindo por parte do Comité Central uma apreciação efectiva, marxista, da actividade de Staline. Esta exigência tornou-se tão insistente que a direcção do PCUS teve de recorrer a perseguições contra vários membros do Partido e de dissolver uma série de organizações do Partido que agiam de modo particularmente cerrado. Mais tarde, em 1957, nas reuniões do Partido, obrigaram todos os que anteriormente tinham criticado as decisões do XX Congresso a retratarem-se. Mas a opinião pública, tornou-se de tal modo ameaçadora, pela sua própria unidade, que os oportunistas tiveram de recorrer a medidas extremas. Opondo à «crueldade» de Staline o seu «humanismo», sem nenhuma verificação, sem qualquer processo jurídico, reabilitaram todos os presos políticos, jogando com os seus sentimentos ofendidos e restituindo-lhes o direito de voto na sociedade. Mas, como isso não foi o bastante, promulgaram de novo uma amnistia geral a favor dos bandidos que, por mais de uma vez, tinham aterrorizado a sociedade. Toda esta pretensa política foi coroada pelo encontro de Kruchtchev com um dos bandidos arrependidos, e por uma gratificação geral que lhe foi dada porque, finalmente, tinha decidido tornar-se um homem honesto. A indignação geral obrigou a imprensa oficial a acabar rapidamente com as descrições cheias de admiração por este «acto humanitário». Mas, no conjunto, a corrente pura em que durante um certo período foram deitadas tantas porcarias ficou bastante turva. Os destroços da velha sociedade que, durante quarenta anos seguidos, tinham tido de dissimular as suas verdadeiras opiniões e sentimentos e a quem, de repente, deram a possibilidade de exprimir abertamente a sua cólera contra a ditadura do proletariado, efectuaram nesse sentido, não foi um

trabalho limitado. A principal arena da actividade foi a literatura. Foi nesta direcção que também se encaminharam as novas podridões.

Mas por mais activos que se tenham mostrado estes lutadores contra o «culto da personalidade», os oportunistas não podiam deixar de sentir que nem todos cairiam na armadilha e que era preciso a todo o custo reforçar a crítica a Staline com argumentos análogos a argumentos marxistas. O culpado de tantos crimes não pode continuar a ser marxista-leninista em teoria. Caso contrário, seria o fenómeno mais espantoso do mundo. Compreendendo isso, há dez anos que os oportunistas e seus lacaios intelectuais procuram, nas obras de Staline, teorias e, se não houver teorias, pelo menos teses particulares, e, se não houver teses particulares, pelo menos alusões particulares, que estejam em contradição com o marxismo-leninismo. Procuram mas não encontram nada.

Começaram a troçar do capítulo filosófico do compêndio de Staline, «História do Partido Comunista (b) da União Soviética» (1); e tudo consistia no facto de que tinham aumentado de 4 para 12 o número das particularidades da dialéctica indicadas por Staline, sem contar que não só é difícil aplicá-las, como tê-las presentes. Lançaram-se ao trabalho para criticar a obra de Staline «Os Problemas Económicos do Socialismo na URSS». Não tendo conseguido, calaram-se. Tendo aniquilado, de várias maneiras e em palavras, os artigos de Staline sobre as questões de linguística, chegaram à conclusão de que aí havia algumas deformações. O mesmo se passou, dezenas e dezenas de vezes, nos mais diversos campos: urros, comunicações vitoriosas, mas, finalmente, vemos os liliputianos esgotados aos pés de Gulliver.

Dir-nos-ão que actualmente foi refutada uma das teses mais importantes de Staline, na qual ele se apoiava para a sua acção: a tese segundo a qual com a aproximação do comunismo a luta de classes se vai

(1) Mais conhecido pelos trabalhadores do mundo inteiro como «MATERIALISMO DIALÉCTICO E MATERIALISMO HISTÓRICO».

agravando e tomando formas cada vez mais complexas. Mas, por agora, senhores oportunistas, deixemos a teoria. Que definição dão da luta que se desencadeou na URSS depois de Staline e na qual participam tão activamente? Não será por acaso, uma luta de classes? O seu carácter de luta encarniçada não é a melhor prova de justeza de Staline? Para responder a estas perguntas os oportunistas só têm dois caminhos: ou concordar connosco ou cobrir-se de ridículo perante todos os marxistas.

Assim, os críticos do «culto da personalidade», se querem manter uma atitude minimamente séria acerca da questão e convencer os outros da sua justeza, têm de explicar a curiosa circunstância de Staline, que, segundo eles, fora tão longe no campo dos erros práticos, ter permanecido em teoria ortodoxo. Para nós, tal incompatibilidade não existe, pois pensamos que a actividade de Staline tem uma explicação e uma justificação completas. E se nela houve erros, Staline, historicamente, não os podia compreender nem evitar.

Cabe agora perguntar: porque é que os oportunistas se agarram a um ponto de vista cujo carácter absurdo é tão evidente? Os que defendem uma análise social do «culto da personalidade» são acusados demagogicamente pelos oportunistas de quererem, supostamente, unir o «culto da personalidade» à própria natureza da ordem socialista. Mas então, como explicar todos esses exageros? Porque é que estas ou aquelas particularidades da actividade de Staline não podiam ser condicionados, não pela essência do socialismo em geral, mas pelas condições históricas concretas em que Staline agia? Aqui, não podemos deixar de pensar que os oportunistas necessitam da crítica ao «culto da personalidade» para os seus interesses egoístas, para que seja usada como uma nuvem de fumo, por trás da qual escondem a sua face e os seus actos repugnantes. Esta opinião impõe-se tanto mais que depois da morte de Staline já passou uma dezena de anos, e até agora a direcção oportunista do PCUS viu-se obrigada a provar o seu próprio valor, não por sucessos reais, mas criticando aqueles que há já tanto tempo deixaram de viver.

Apesar disso, neste caso, muitas coisas se tornaram claras com o afastamento de Kruchtchev. Todos sabemos que este pigmeu charlatão tinha aplicado todos os programas políticos e, em particular, económicos, que o seu grupo lhe propunha. Mas agora verifica-se que é o único responsável por todos os fracassos do «grande plano decenal». Não há dúvida que os cabecilhas oportunistas do PCUS, neste caso, sacrificaram Kruchtchev para darem satisfações à opinião pública da URSS, suprimindo, com uma penada, os resultados lamentáveis da sua actividade comum, ao longo de uma década, atirando a responsabilidade para o bode expiatório Kruchtchev. Mas, compreendendo instintivamente que esta explicação era demasiado precária e que levava a conclusões nada desejáveis, os oportunistas, agora, esforçam-se, em geral, por não dar muita importância à destituição de Kruchtchev.

Na verdade, comparando Staline e Kruchtchev, temos de nos lembrar das palavras de Marx, segundo as quais a história se repete duas vezes, mas, na primeira vez como uma tragédia, enquanto que depois como uma comédia. A história de Kruchtchev é mais do que uma paródia da campanha oportunista da denúncia do «culto da personalidade» de Staline; traindo, na pessoa de Kruchtchev um bobo e um renegado, na pessoa de Staline os oportunistas traíram um grande guia e pensador revolucionário.

II — STALINE E A DEMOCRACIA PROLETÁRIA

Se resumirmos todas as acusações que os oportunistas formulam contra Staline, podemos, em geral, inserí-las todas no mesmo capítulo: violação da democracia proletária. Segundo os oportunistas, Staline usurpou o poder no país e no Partido, liquidou os melhores e mais experimentados quadros do Partido e do Estado.

Criticando Staline, os oportunistas opõem-no a Lenine, pensando que este era o melhor argumento, o mais evidente para eles. Nós também pensamos que esta comparação contribui para o caso; mas o que acontece é que é essa comparação dá o golpe de misericórdia que os oportunistas merecem. «Intransigência», «crueldade», «comportamento ditatorial» — onde é que se foi buscar todo este vocabulário? Estaremos, por acaso, a criar um editorial da «Pravda» dos últimos anos, consagrado ao «culto da personalidade»? Não, estas são as definições habituais que os oportunistas davam da actividade de Lenine no decorrer de toda a revolução russa. Então, porque é que a direcção actual do PCUS não se lembra que, actualmente, se repete sobre Staline, o que no passado atribuíam a Lenine? E que metamorfose! Os oportunistas modernos tratam Lenine como se fosse um partidário da tese do «não resistas ao mal pela violência». Para denegrir a táctica revolucionária de Staline, cuja crítica tem para eles uma importância vital directa, os oportunistas estão prontos e esquecer o passado e a apresentar Lenine sob uma forma «enobrecida», do seu ponto de vista. «Somos os jacobinos do proletariado» — estas palavras de Lenine devem ficar para sempre gravadas na memória de todos os que presentemente tentam manipular Lenine para lhe dar um ar de Jesus Cristo.

Mas existia uma diferença entre o carácter das acções de Lenine e Staline? Sim. Comparando estes dois dirigentes revolucionários, os oportunistas (conformes à sua visão pequeno-burguesa do mundo) resumem tudo às qualidades pessoais destes dois homens. No entanto, é claro que a actividade de Lenine e Staline, enquanto dirigentes do Partido e do Estado, pertence a dois períodos diferentes do desenvolvimento da nossa revolução, períodos radicalmente diferentes um do outro. A morte de Lenine coincidiu aproximadamente com o final do período da ofensiva da revolução europeia, de modo que coube a Staline a pesada tarefa de dirigir o primeiro Estado proletário na altura do seu isolamento completo na arena mundial, nas condições de ausência duma base importante para a edificação do socialismo. A ruptura do elo fraco da cadeia do capitalismo também era uma fraqueza da própria revolução. «...um país atrasado pode começar facilmente a revolução, porque o seu adversário está podre — escrevia Lenine, — porque

a sua burguesia está desorganizada, mas, para poder continuar, tem de abrir os olhos cem mil vezes mais, dar provas de cem mil vezes mais cuidado e paciência. Na Europa ocidental será diferente; aí é infinitamente mais difícil começar, é infinitamente mais fácil avançar... a revolução num país atrasado, que os acontecimentos numa medida considerável, por causa do atraso desse país, puseram por um breve período e, claro, sobre questões parciais, na vanguarda dos outros países evoluídos — evidentemente, essa revolução está destinada a atravessar, inevitavelmente, os momentos mais greves, e, num futuro próximo, os mais dolorosos. (Discurso « Sobre as Tarefas Imediatas do Poder Soviético»). Não admira que, nesta situação desesperada, mesmo as medidas do Partido Bolchevique, dirigido por Staline, tenham tido um carácter desesperado e extraordinário. A frente económica era quase mais perigosa e, de qualquer modo, mais complicada, do que as outras frentes da guerra civil.

Na verdade, a revolução alemã não conduziu à vitória do proletariado, mas à vitória da burguesia; e, assim, desapareceu a esperança de receber a ajuda revolucionária directa tão esperada da Europa; a NEP ajudou o país a escapar à fome, mas não resolveu o problema do financiamento da construção da grande indústria de máquinas, sem a qual não pode haver socialismo. O socialismo ia ser inteiramente edificado com os recursos interiores do país. A base material de toda a edificação socialista ia ser a agricultura. Mas encaminhá-la nessa via estava ligado a grandes dificuldades nos planos político e de organização.

Depois do triunfo da revolução, depois da sua afirmação definitiva, a agricultura estava desorganizada, não era controlada, e distribuía os seus recursos nas pequenas explorações privadas. A especulação que prosperava neste terreno, a contaminação duma parte do proletariado pelo egoísmo da propriedade, — tal era o quadro do elemento pequeno-burguês que tinha caído sobre o país.

Só uma organização de ferro, só uma verificação e um controle dos mais severos, a mais rigorosa disciplina do trabalho, podiam salvar a revolução socialista nestas condições. Podíamos realizar tudo isso com medidas democráticas?

Foi exactamente a mesma coisa que aconteceu no campo da luta ideológica. Vamos chamar a atenção para o facto de que a possibilidade da realização da revolução proletária na Rússia foi assegurada porque, num dado momento, a pequena burguesia, tendo compreendido que os meios burgueses para a realização das tarefas vitais imediatas eram ineficazes, pendeu para o proletariado e, praticamente, reconheceu a sua incapacidade política. Precisamente «pendeu», é esse o termo de Lenine. Mas, como um homem fraco, que, no momento de perigo, confia o seu destino ao homem forte e que, uma vez passado o perigo, se põe logo a gabar-se, a pavonear-se e até a atribuir-se exclusivamente o mérito da vitória, a pequena burguesia, a partir do momento em que o tzarismo e a grande burguesia foram derrubados, tornou-se logo forte e exigente. E, ao mesmo tempo, na sequência da sua fraqueza nervosa, só compreendia a vitória do socialismo sob a forma do apoio imediato, idílico, da Rússia por parte da Europa em insurreição. Logo que a esperança da revolução «mundial» desapareceu, e como passou a ser claro que o socialismo tinha de ser edificado contando só com as próprias forças e com os próprios meios, vimos desaparecerem, também, sem deixar rasto, os últimos impulsos revolucionários dos ideólogos pequeno-burgueses, e a sua ligação com os bolcheviques quebrou-se. Começaram então a aparecer dúvidas «profundas» e clarividentes, ouviram-se clamores a favor da salvação, pelo menos duma parte, das conquistas revolucionárias, capitulando perante o imperialismo europeu, ouviram-se acusações lançadas contra os bolcheviques «extremistas». Numa palavra, viu-se começar uma orgia de verborreia, que, geralmente, entre os pequeno-burgueses, tem a função de mascarar a sua mentalidade de coelhos assustados.

Claro, a melhor arma para os demagogos pequeno-burgueses dessa época era a exigência da democracia e a exigência «de se dirigirem às massas». E queremos

aconselhar os oportunistas actuais para que se lembrem de que não era Staline mas sim Lenine que então escrevia:

«Quando os mencheviques vociferam contra o «bonapartismo» dos bolcheviques (que, segundo eles, se apoiam no exército e no aparelho de Estado, apesar da vontade da «democracia»), traduzem desse modo, da melhor forma, a táctica da burguesia... A burguesia compreendeu justamente que as «forças» reais da «classe operária» são constituídas, presentemente, pela poderosa vanguarda dessa classe... (O Partido Comunista da Rússia que, pelos seus actos e não imediatamente, mas sim durante uma luta de 25 anos, obteve o papel, o título, a força de «vanguarda» da única classe revolucionária), mais os elementos que são os mais enfraquecidos pela desclassificação, que mais facilmente se deixam ir atrás das hesitações mencheviques e anarquistas... Sob a palavra de ordem «mais confiança na classe operária», hoje em dia, trabalha-se praticamente pelo fortalecimento das influências mencheviques e anarquistas; na Primavera de 1921, Cronstadt confirmou-o e mostrou-o claramente... A nossa palavra de ordem é: Abaixo os faladores! Abaixo os instrumentos sem escrúpulos dos guardas brancos! Vamos ao trabalho prático e concreto, compreendamos a particularidade do momento actual e as tarefas que levanta! Precisamos de trabalho, não de frases («Tempos Novos, Erros Velhos Sob Uma Forma Nova»).

Os ideólogos pequeno-burgueses esforçavam-se por transformar num tal baluarte, para a sua actividade oportunista, a própria democracia interna do Partido. Lembremo-nos dos debates intermináveis que os mencheviques e os socialistas-revolucionários impuseram ao Partido, nos momentos mais críticos da revolução, gastando forças e um tempo preciosíssimo. Não foi Staline, mas sim Lenine, que promoveu a famosa declaração do X Congresso do Partido, que proíbe qualquer grupo dentro do Partido. E, do ponto de vista formal, era, sem dúvida, uma violação da democracia.

Para compreender como e porquê se concentrou nas mãos de Staline um poder tão grande, o que é significativo é a situação que se criou no XV Congresso do Partido. Lendo os estenogramas do Congresso, espanta-nos, sem querer, o que se estava a passar. Os oposicionistas pedem, rogam e suplicam que mantenham uma atitude democrática elementar para consigo, exigem uma simples troca de opiniões, enquanto que todo o Congresso grita: «Abaixo os oposicionistas! Viva Staline!» E aí não houve repressão da democracia proletária, mas a sua afirmação. O Congresso defendia a causa revolucionária contra a fraseologia pequeno-burguesa. E o representante dessa causa revolucionária era Staline, que, pela primeira vez, colocou firme e definitivamente a questão da edificação do socialismo num só país, deu provas duma firmeza histórica para encaminhar a agricultura na via da edificação, através da colectivização geral, e dirigiu a industrialização do país.

O Partido e o povo tiveram confiança em Staline. É necessário ter tal confiança nos dirigentes nesta etapa? Qualquer pessoa que se considere marxista tem de admitir que é preciso encarar do ponto de vista histórico e concreto a democracia, como todos os fenómenos sociais. Na sua primeira etapa, a democracia proletária (principalmente num país como a Rússia atrasada) manifestou-se pela mais sólida centralização do poder. O proletariado aplicou uma centralização deste tipo face ao perigo de morte, nas condições duma luta de classes muito encarniçada, como na frente se aplica a disciplina militar. Perguntamos: É preciso ter confiança no comandante, que tem nas mãos o destino do exército revolucionário num momento decisivo? É claro que, a coberto das frases oportunistas sobre a democracia, escondem-se o individualismo burguês e o esforço com vistas a assegurar, na altura desejada, a possibilidade de desertar. Quem quer combater tem de ter um comandante. E se, hoje, Staline não está vivo, vamos combater nos batalhões de Mao Tsé-tung e Enver Hoxha.

Consideremos esta questão do ponto de vista da organização do trabalho. É evidente que, ao nível do desenvolvimento económico que a Rússia tinha, a divisão do trabalho não só não podia enfraquecer-se, como nem sequer estava suficientemente desenvolvida.

A função do poder, como uma das funções da actividade social, assumia uma importância especial na sua situação de independência. E não era uma negação da democracia. As massas populares entregaram conscientemente o poder nas mãos dos seus representantes eleitos, que tinham dado provas da sua têmpera marxista e da sua devoção ao povo na luta revolucionária.

Lenine dizia: temos de pagar um resgate pela nossa ignorância nas formas mais diversas. Neste caso, ressaltava a necessidade de pôr ao serviço do proletariado os velhos especialistas burgueses. Mas o resgate que tínhamos de pagar pela nossa ignorância tomou, ao que parece, outras formas, mais complicadas. Podemos ver isso facilmente, se encararmos as coisas concretamente. Assim, para citar um exemplo, o budienista ([2]) de ontem, que passava a ser o secretário do comité regional do Partido, não era capaz de resolver por si os problemas políticos e económicos no plano geral. Dizia: «Dá-me o decreto que eu vou metê-lo na cabeça das pessoas com uma mauser!» Deste modo, o poder efectivo foi concentrado legalmente nas mãos dos que tinham o saber, a experiência revolucionária e a autoridade. Era correcto do ponto de vista dos ideais socialistas abstractos? Suponhamos que não era correcto. Mas que objecção podem avançar a este respeito os homens que desejam efectivamente a realização do socialismo na prática, a partir da teoria? E, precisamente, essa retirada, (e não só pôr a trabalhar antigos especialistas burgueses) foi o «resgate pago» ao velho estado de coisas por causa da nossa ignorância geral, a retirada das posições da perfeita igualdade socialista, o que era inevitável nas condições do nosso atraso cultural. Os oportunistas gostam de se ocupar com o manejo das frases acerca dos seus adversários, pretendendo que estes estão mais à esquerda do que o bom senso. Mas então onde é que vão parar quando não querem compreender a lógica do desenvolvimento social real? Por outro lado, é evidente que querem ser mais papistas do que o Papa, mais democratas do que as próprias massas populares, que, muito antes dos doutores democratas, deram uma resposta à questão de saber se é necessário ter dirigentes na luta e se se lhes deve obedecer.

Prontos a reconhecerem a necessidade do centralismo em teoria, estes traidores pseudo-marxistas não o podem admitir, de modo nenhum, na prática, nem conciliar-se com o seu reflexo ideal na cabeça das pessoas. A edificação do socialismo com o material humano de que efectivamente dispomos e, por consequência, mesmo segundo as noções que existem na sociedade actual — era esse o preceito de Lenine. Os Bolcheviques, dirigidos por Staline, realizaram este preceito.

Claro, isto não tem nada a ver com a pureza cristalina, nem com a santidade dos oportunistas. Depois de mantermos, quarenta anos de seguida, uma atitude servil perante a ditadura do proletariado, subitamente, acharam a possibilidade de discutir sobre os seus méritos e defeitos e descobriram um dos pontos fracos da ideologia da sociedade socialista em vias de construção. Pois bem, que a vossa sabedoria vos aproveite! Com efeito, nós temos pontos fracos, pois somos a própria vida. Enquanto que vocês estão de corpo e alma, cheios de virtudes, porque saíram do túmulo político, são solteironas estéreis, incapazes de cometerem pecados e de serem fecundadas.

Naturalmente, estes inimigos do marxismo são incapazes de compreender que falar do «culto da personalidade», é dizer que este começou no dia dos funerais de Lenine para o Mausoléu, no dia em que Staline prestou juramento sobre o seu caixão. Portanto, meus senhores, vamos até ao fim! Têm coragem de atacar este «culto» e este juramento? Não sois vós que, sendo mais do que ninguém indignos disso, sujais o nome de Lenine a toda a hora e momento? Onde vai o apego aos princípios! Nós juramos sobre Lenine e Staline, mas não fazemos jogo duplo. Declaramos abertamente à luz do dia que o proletariado tem os seus guias, em quem vemos a realização suprema

---

([2]) Combatente da cavalaria de Budienny, um dos mais gloriosos destacamentos do Exército Vermelho, na guerra civil revolucionária.

das possibilidades da nossa classe e de toda a humanidade, com cuja exaltação firmamos, na verdade, o que temos de melhor.

O juramento feito sobre o túmulo de Lenine era o testemunho do fim do período ofensivo da revolução. Agora, a lógica do desenvolvimento revolucionário não podia deixar de ser eclipsada pelas contradições sociais extremamente complexas, não aparecia perante as massas na sua forma natural viva. Essa lógica tinha de ser compreendida e explicada pelos dirigentes. Daí por diante, tudo seria edificado com confiança no que já se tinha conquistado, com confiança no dirigente. Referimo-nos ao próprio facto da revolução, como manifestação de grandeza. E era justo. Era assim que apreciávamos os homens que tinham feito essa revolução. Mas a canonização do passado conduzia inevitavelmente à canonização do presente. Staline compreendia-o perfeitamente e falava sempre disso de modo lacónico e preciso. Staline é uma bandeira.

O poder que Staline recebeu do Partido e do povo baseava-se apenas no reconhecimento das suas qualidades de grande pensador e combatente revolucionário, na confiança geral de que gozava, porque continuava a ser o pregador resoluto do leninismo, mesmo quando atacado pelos «direitistas», «esquerdistas» e oportunistas de todos os tipos. Falar hoje do «culto da personalidade» como de uma violação da democracia, como um desconhecimento da vontade do Partido e do povo é passar brutalmente por cima dos sentimentos do nosso povo, é uma ofensa que só podem fazer, os que não estiverem ao nosso lado durante a primeira marcha para o socialismo, ou então os que não podem esquecer a mão firme da ditadura do proletariado que pesou sobre eles.

E chegámos à questão das repressões que fazia Staline. Tentando dissimular a base social dessas repressões, os senhores oportunistas querem apresentar Staline como um homem que, com medo de rivalidades, mandava prender e fuzilar todos os que achava sensatos e inteligentes. Claro que isso não tem qualquer fundamento, mesmo no que respeita aos que o rodeavam de mais perto. Doutro modo,

os membros da camarilha oportunista têm de admitir que só viveram na época de Staline porque, do ponto de vista mental, não mereciam qualquer atenção. É perfeitamente absurdo explicar deste modo as repressões que sofreram militantes responsáveis e de base, a maioria dos quais Staline, naturalmente, nunca tinha conhecido pessoalmente. A atitude mal intencionada dos oportunistas surge precisamente no facto de que, ao pretenderem que Staline era sanguinário e cruel, nunca tentaram seriamente compreender os motivos das repressões.

Para todos os que não preconizam o princípio da não-resistência ao mal, a resposta física ao ataque é compreensível. Mas a questão complica-se muito mais quando falamos de política, em que os resultados directos deste ou daquele acto político provavelmente se farão sentir dezenas de anos depois. Era preciso edificar a indústria na União Soviética à custa de esforços e privações incríveis? Staline tinha razão quando dizia: Ou fazemos isso ou seremos vencidos? Na sua opinião, a melhor resposta à pergunta podia ser dada pelos soldados da guerra patriótica, que manejavam as armas forjadas pela indústria stalinista. É precisamente contra a industrialização que se erguiam os mencheviques e os socialistas-revolucionários. Vociferavam pretendendo que a agricultura era sacrificada à indústria. Assim, objectivamente, queriam ver os camponeses russos cair sob a servidão fascista. Staline perseguia a massa principal dos ideólogos pequeno-burgueses, que não passavam de homens que mudavam de cor e se infiltravam fraudulentamente nas fileiras dos bolcheviques. É nisso que reside a essência dos «famosos processos» de Moscovo, Staline libertou a Rússia da «quinta coluna».

Para compreender até que ponto isso é verdade, até que ponto, nos seus actos, Staline tinha em conta o problema do desenvolvimento do fascismo, chamamos a atenção para o facto de que o fascismo, enquanto movimento social, era uma resposta directa da burguesia europeia à Revolução de Outubro.

Não podemos ouvir falar, sem indignação e repugnância, dos esforços dos dirigentes oportunistas do PCUS com vistas a desculpar os traidores menchevi-

ques e socialistas-revolucionários e negar a sua ligação directa com os fascistas alemães. Os oportunistas não citam o nome de Trotsky, — tinha-se comprometido demais como um dos eventuais **fuhrers** russos. Mas, na época de Kruchtchev, as reuniões secretas para reabilitar Bukarine sucediam-se umas às outras. Quanto ao valor das reabilitações feitas pelos oportunistas, pode ser ilustrado com um exemplo bastante claro. Agora reabilitaram Tukatchevski, um autêntico aventureiro político, que precisamente os próprios Trotsky e Bukarine qualificavam de homem «com estofo napoleónico». Pretendem que os materiais sobre Tukatchevski, falsificados pelo serviço de espionagem alemão, foram transmitidos a Benés, que os entregou a Staline. Mas porque é que não indicam que Tukatchevski não foi julgado na base dos materiais de espionagem, mas pela sua participação na conspiração trotskista-bukarinista, na qual uma série de altas personalidades militares, com Tukatchevski à cabeça, constituíam o grupo de choque especial para derrubar pelas armas o governo de Staline? No processo definitivo de Moscovo, as declarações detalhadas feitas a esse respeito não emanam dos representantes do serviço de espionagem alemão, mas de Bukarine em pessoa. Ele disse, textualmente: «Como se trata de um golpe de Estado militar, dentro da própria lógica das coisas, o peso específico do grupo militar dos conspiradores vai ser muito grande...... E daí podia derivar um certo perigo bonapartista típico, e os bonapartistas — entre outros, tinha em vista Tukatchevski, — antes do mais, eliminam os seus aliados, os chamados inspiradores, segundo o modelo napoleónico». E por aí adiante. Porque é que os oportunistas, ao reabilitarem Tukatchevski, não citam estes factos? Ainda mais, mesmo na imprensa estrangeira, homens com tendências antifascistas escreviam, com inquietação e espanto, que, no decorrer da sua ida a Berlim e outras capitais europeias, Tukatchevski desacreditava a força do nosso exército e levava às nuvens a Wermacht fascista, o que era inadmissível para um homem que estava à cabeça do Estado-Maior do Exército Vermelho. Porque é que os oportunistas, que gostam tanto de mostrar o seu amor pela justiça, não lembram que os processos de Moscovo atingiram, mais do que qualquer outro, Trotsky, que estava no estrangeiro, enquanto que a execução de Tukatchevski e dos seus cúmplices esmagou definitivamente o espírito de «Judas da revolução russa»?

Por consequência, podemos tirar a conclusão de que as repressões exercidas pela ditadura do proletariado, pela ditadura stalinista, até 1934, eram directamente dirigidas contra os oportunistas pequeno-burgueses que se opunham à edificação do socialismo no nosso país, à colectivização e à industrialização. Podia-se, ou devia-se agir deste modo segundo o ponto de vista de Lenine? A sua resposta é esta:

«Os Martov, os Tchernov e seus acólitos filisteus sem partido têm é de bater no peito e gritar... 'dou graças a Deus por não ser parecido com «eles», por ter sido e continuar a ser contra o terror'. Esses tipos estúpidos 'são contra o terror', porque escolheram o papel de servidores fiéis dos guardas-brancos para mistificarem os operários e camponeses. Os socialistas-revolucionários e os mencheviques 'são contra o terror' porque têm por tarefa enganar as massas com a bandeira do 'socialismo', para as expor ao terror dos guardas-brancos. Foi o que demonstraram os regimes de Kérenski e Kornilov na Rússia, de Koltchak na Sibéria e o menchevismo na Geórgia; foi o que demonstraram os heróis da II Internacional e da Internacional II 1/2 na Finlândia, Hungria, Áustria, Alemanha, Itália, Inglaterra e noutros sítios. Que os zelosos servidores do terror dos guardas-brancos se orgulhem e se pronunciem contra todos os terrores! Enquanto que nós vamos dizer abertamente a verdade, penosa, mas indubitável: Nos países que estão a atravessar uma crise sem precedentes, nos países em que as velhas relações vão abaixo e a luta de classes se agrava, depois da guerra imperialista de 1914-1918, — assim estão todos os países do mundo, — não pode deixar de haver terror, digam o que disserem os hipócritas e os faladores. Ou o terror do tipo dos guardas-brancos, o terror burguês do tipo americano, inglês (Irlanda), italiano (fascista), alemão, húngaro e outros, ou o terror vermelho, proletário. Não há uma via intermédia, não há nem pode haver uma terceira «via». («Sobre o imposto em espécie»).

Mas, no tempo de Lenine, dizem os revisionistas, as repressões eram menos frequentes. Não há dúvida que sim. Mas acontece que, no tempo de Lenine, a luta entre as forças proletárias e as forças contra-revolucionárias do país ainda não tinha chegado à sua fase definitiva. A verdadeira batalha ia continuar com os ideólogos pequeno-burgueses sobre a colectivização. E foi aqui que, justamente, foram esmagados pelos bolcheviques dirigidos por Staline. Foi assim porque o campesinato russo se mostrou mais revolucionário que os seus ideólogos. Este assunto é bastante importante, por isso damos-lhe especial atenção. Com efeito, as massas rurais da Rússia soviética, que tinham passado por três revoluções, que se tinham habituado a ter confiança nos bolcheviques por causa dos seus actos, nas vésperas da colectivização tinham consciência da tendência da sua diferenciação. E, se bem que os kulaks ainda não tivessem atingido um volume considerável (o que hoje serve de pretexto aos oportunistas para fazerem raciocínios estéreis segundo os quais, no nosso país, não haveria nenhum kulak para expropriar), a incompatibilidade entre esses embriões da burguesia e o poder soviético mostrou muito bem ao campesinato o que o esperava na via do desenvolvimento na base da propriedade privada. Precisamente por esta razão, se bem que a colectivização se tivesse efectivado por necessidade muito antes do que era aconselhável em condições favoráveis, se bem que certos funcionários soviéticos apressados tivessem reduzido os prazos, violando as directivas do Partido, se bem que em certos casos particulares se tenha agido contra a colectivização, no conjunto o campesinato russo aderiu aos kolkozes, e não respondeu à colectivização com a insurreição, como exortavam os mencheviques e os socialistas-revolucionários. O campesinato andava ao passo da vida, praticamente ao passo da revolução. Mas os seus ideólogos instruídos não eram capazes de fazer o mesmo, porque eram a personificação das possibilidades teóricas da consciência dos camponeses, a personificação da fraqueza da classe camponesa. Por isso, a sua liquidação era tanto no interesse do proletariado como no do campesinato.

Pois bem, dirão os oportunistas, se bem que nos esforcemos por reabilitar Bukarine, se bem que tencionemos construir um monumento a Tukatchevski, nós não criticamos muito Staline pelas repressões que houve até 1934. Mas como justificar as de 1937? Não há nada em Lenine que possa explicar essas repressões. Os oportunistas fazem mal em alegrar-se ao pensar que, desta vez, não têm Lenine pela frente. Lenine vai derrotá-los de novo.

Para fazer uma apreciação de classe das repressões de 1937, basta pôr a seguinte questão: Que classe foi reprimida? O proletariado? Não. Prenderam-se algumas pessoas de origem proletária, que ocupavam postos elevados. Mas a própria classe ficou fora de causa. Pelo contrário, a partir do momento em que as repressões, em larga medida, coincidiam com a questão da origem social, a origem e a posição proletárias eram a melhor garantia contra as repressões. Por isso é que muitas pessoas das altas camadas sociais da Rússia tzarista iam então trabalhar para as fábricas. Isso salvava-os sempre. Por acaso, em 1937, o campesinato foi afectado de alguma maneira? Também não. E se alguns camponeses em particular conservam recordações penosas, estas são relacionadas com 1929, quando foram expropriados como kulaks. As prisões, em geral, não eram dirigidas contra uma classe determinada e não exprimiam os interesses de classe de alguém? É precisamente esta opinião que os oportunistas tentam disfarçar subrepticiamente e é precisamente por essa razão que quase tentam atribuir a Staline a esquizofrenia, e explicar as repressões através disso. Mas está claro que o mesmo ponto de vista pode testemunhar que eles são desiquilibrados.

As repressões de 1937, falando socialmente, tinham um objectivo, perfeitamente determinado: eram dirigidas contra o aparelho burocrático existente, contra os restos, das classes exploradas e uma parte da **intelligentsia.** Agora é claro porque é que justamente estas camadas sociais atacavam com tanta ferocidade o «culto da personalidade» e porque é que as nossas massas trabalhadoras mostraram uma afeição espantosa, do ponto de vista dos oportunistas, pela memória de Staline. Os senhores oportunistas, com o seu

ar vaidoso, falam da nossa «natureza de escravos», dizem que o nosso povo precisa dum tzar e outras infâmias e disparates do género. Mas, como vemos, é muito simples, é o instinto de classe do povo. Para dizer a verdade, o povo dantes também achava que os burocratas e os «ex-burocratas» deviam ser esmagados, e hoje não abandona essa posição. Como se sabe, Staline agia em bases sólidas. Por isso o povo sente que Staline é «seu», que é o representante do povo.

Mas as repressões eram realmente necessárias? Referindo-se à situação interna do país, os oportunistas pretendem que não havia tal necessidade. No entanto, fecham os olhos «como ingénuos» perante o facto, não essencial na opinião deles, de que no Ocidente o fascismo aumentava como uma nuvem de tempestade, declarando abertamente que se dirigia contra a URSS. Os oportunistas, que se lembram bem de todas as bofetadas que levaram de Staline, começam a sofrer de amnésia quando a questão diz respeito à história e esquecem que, precisamente nos anos 1936--1937, o perigo de guerra era muito grande. Era preciso varrer mais uma vez todos os elementos hesitantes e perigosos da rectaguarda, nas vésperas duma guerra em que os imperialistas queriam ver a União Soviética combater sozinha contra a Alemanha hitleriana? A resposta foi dada pelos Vlasov russos, pelos Bender ucranianos e os castigadores da Crimeia que escaparam ao fuzilamento em 1937.

Mas então devemos acreditar nos oportunistas que pretendem que, em 1937, foram executados os que o não deviam ser. Os oportunistas sentem-se particularmente lesados porque, dizem eles, a maior parte do aparelho do Partido e do Estado foi liquidada. Para o esclarecermos, referimo-nos a Lenine. «Porque fazemos coisas insensatas? — perguntava Lenine. — É óbvio: em primeiro lugar, somos um país atrasado; em segundo, no nosso país o ensino está reduzido ao mínimo; em terceiro, não temos ajuda. Nenhum país civilizado nos ajuda. Pelo contrário, esses países agem contra nós. Em quarto, por culpa do nosso aparelho de Estado. Herdámos o velho aparelho de Estado e isso foi uma desgraça para nós. O aparelho de Estado, muitas vezes, trabalha contra nós. Isto explica-se deste modo: em 1917, quando tomámos o poder, o aparelho de Estado intimidava-nos. Então assustámo-nos e pedimos: «Por favor, voltem». E pronto, voltaram e isso foi uma grande desgraça para nós».

Mas o mal estava todo no facto da questão não se limitar de todo à luta contra os restos e as tradições do velho aparelho. Essas tradições, por assim dizer, só davam o «cheiro» ao novo burocratismo, que crescia num terreno novo. O burocratismo tinha-se tornado num flagelo para a revolução, num inimigo perigoso, inacessível.

O número de burocratas de tipo capitalista no nosso país não se limitava apenas aos homens que vinham directamente das velhas classes, do velho aparelho. As condições eram tais que também os comunistas que não sabiam preservar-se numa situação social tão complexa caíam no burocratismo. Mas o preceito leninista sobre a atitude para com os burocratas tinha de ser, ao que parece, extensivo, ainda com mais razão, aos comunistas degenerados. E, deste modo, respondemos à seguinte pergunta: Staline tinha razão quando fez as purgas do aparelho burocrático, no decorrer de toda a sua actividade, sobretudo nas vésperas da guerra?

As objecções à sua política, como vêem, só podem ter um carácter parcial, podem dizer respeito à justeza de decisões particulares. Mas o caso é que os oportunistas exigem que se rejeite Staline em princípio. Reabilitaram todos os que, não há muito, sentiram a mão de Staline. Os bandos contra-revolucionários que tomaram parte nas expedições punitivas de 1905, os renegados que desviavam o dinheiro do povo, os polícias alemães... hoje têm todos, na testa, a marca dos mártires. No sentido figurado ou próprio todos receberam o beijo do «grande marxista» Kruchtchev, e no que respeita à sua libertação, como precedentemente, os oportunistas actuais arrogam-se o mérito exclusivo. Não admira que a entrada nos arquivos do Ministério do Interior só fosse permitida aos historiadores com autorização pessoal de Kruchtchev. Este «grande defensor da verdade» tinha medo de pôr na mesa os documentos que ele próprio tinha declarado serem falsos.

Os seus sucessores continuam a mesma tenebrosa tarefa e, actualmente, querem provar acusações monstruosas contra Staline, que Kruchtchev tinha maquinado mas não conseguiu provar.

De qualquer maneira, houve vítimas inocentes durante as repressões? Pensamos que pode ter havido. Mas quem é o responsável? Em primeiro lugar, a responsabilidade cai sobre a própria burocracia. Provavelmente, alguns acontecimentos de 1937 foram determinados porque «o aparelho burocrático nessa época conduzia também de modo burocrático a luta contra o burocratismo e as tendências pequeno-burguesas, pelo facto de a própria pequena-burguesia, com as suas denúncias, causar a sua própria ruína. Os senhores intelectuais denunciavam, caluniavam, ajustavam contas antigas uns com os outros, faziam falsos testemunhos...» E, claro, por vezes, contra homens honestos e fiéis. E são precisamente esses aranhiços que agora andam de luto pelo humanismo desprezado e cometem uma profanação.

A atitude de Staline perante os excessos que então se verificavam revela-se melhor do que nunca no facto de ele ter mandado fuzilar o seu comissário do Interior, Yejov, por burocratismo. Devemos compreender que Staline não tinha outros braços além do aparelho burocrático e, praticamente, só podia agir ao nível desse aparelho.

Mas quem é que pode acusar a ditadura do proletariado por causa de vítimas? Quarenta séculos de história que conhecemos são uma história que mostra que os opressores matavam, pilhavam, torturavam e violavam os oprimidos; durante quarenta séculos os opressores só se esforçaram por embrutecer a consciência dos oprimidos, privando-os até do desenvolvimento elementar, das práticas elementares da actividade social. E eis que agora, quando, finalmente, os oprimidos empunharam armas, quando, nas mais difíceis condições do bloqueio geral, sem a instrução necessária, sem experiência, sem os recursos materiais suficientes, sob a ameaça duma guerra exterminadora, foram obrigados a edificar a sua sociedade, pedem-lhes que o façam sem cometer erros, com luvas brancas.

Quem é que se podia lembrar duma coisa destas senão os opressores, a burguesia, que, depois da derrota, se tornou uma ardente defensora do humanismo e da pureza moral? Se o poder soviético é responsável perante alguns dos seus dignos filhos, nesse caso os senhores, não estão qualificados para estarem entre eles. Esses filhos estiveram prontos, a cada instante, a oferecer a vida ao poder soviético. E se hoje tivessem a possibilidade de vos ouvir, o caso ficaria mal parado para vós.

O stalinismo, considerado na sua definição geral, representa em si o próprio carácter da acção da ditadura do proletariado, uma série de medidas de que se serve a ditadura do proletariado nas condições dum país de pequenos camponeses, para a edificação das bases do socialismo. Na realidade, estando num terreno económico que lhe é hostil, terreno que ressuscita, constantemente, e na mais larga medida, o capitalismo, o proletariado tem, pois, de realizar a sua ditadura por todos os meios, a todo o custo. Esta luta do proletariado tinha de ser particularmente encarniçada e acompanhada por erros inevitáveis contra o carácter burguês na Rússia, onde se desencadeou pela primeira vez. Não há dúvida que esta experiência difícil facilitará muito e tornará mais racionais as actividades da classe operária nos outros países que estiverem nas mesmas condições. Essa experiência contribuirá para evitar também a situação que hoje se criou na União Soviética. Com efeito, a extensão da burocracia teve por efeito que, entre o centro revolucionário e o povo se criasse gradualmente uma camada burocrática que os separa e os impede de agir em perfeita unidade. Criando e consolidando o aparelho de Estado, realizando assim um trabalho de grande alcance histórico, que garantiu os nossos sucessos económicos em toda a via de edificação das bases do socialismo, Staline permanecia no terreno desse aparelho burocrático, lutava contra ele com a ajuda desse mesmo aparelho e, por isso, não o podia vencer definitivamente. Via como a hidra da burocracia crescia, se bem que lhe cortasse implacavelmente as cabeças, que lhe voltavam a crescer. Nos esforços por uma pureza revolucionária não acreditava

(e é difícil dizer que não tinha razão) nos que o rodeavam (só Molotov se mostrou o seu digno camarada de armas). A personalidade de Staline é verdadeiramente uma personalidade heróica e sagrada. Staline destaca-se como um exemplo para os revolucionários, um aviso para os hesitantes e um terror para os inimigos.

III — O DOMÍNIO DA BUROCRACIA

A morte de Staline desatou as mãos à burocracia. Uma pequena minoria desta burocracia que tinha mantido a sua fidelidade ao Estado Socialista e que considerava como única missão servir esse Estado, prosseguiu naturalmente a linha de Staline. A maior parte, que há muito tempo vivia só para si mesma, apercebeu-se da existência da possibilidade de se libertar do controle proletário em geral, da direcção comunista do topo, que tinha como objectivo combater as fantasias egoístas da burocracia e, em última análise, afastá-la gradualmente recorrendo às formas mais amplas de soberania popular. Mas poderia a burocracia proclamar abertamente o seu domínio sem sofrer, no nosso país, uma resposta imediata? É claro que não. Para se impor, nas condições de um Estado socialista, a burocracia tinha que provar que apoiava a orientação justa, que não só se mantinha fiel aos ideais revolucionários como ainda lhes era mais fiel do que Staline. Tinha que apresentar a sua libertação da prensa de Staline como uma libertação de todo o povo. É claro que era difícil levar facilmente a cabo uma manobra tão astuciosa. Tanto mais que a classe operária da URSS rejeitou desde sempre todas as maquinações dos oportunistas e manteve face a eles uma atitude de total intransigência. Tanto mais que uma parte da direcção do Partido e do Estado (Molotov, Malenkov e outros), fieis à ditadura do proletariado, tentaram opôr-se abertamente à burocracia.

Sendo ela própria a encarnação material do centralismo do poder e dos seus defeitos excessivos, a burocracia fez tudo o que era possível para atribuir a Staline esses defeitos e para afastar de si mesma a atenção dos trabalhadores. Mas se Staline é culpado de

tudo, então é preciso renunciar decididamente aos métodos do «culto da personalidade» — assim devia ser a lógica. Mas os burocratas não querem de modo nenhum mudar os seus hábitos, renunciar à sua flagrante brutalidade. Precisamente por este motivo, ao mesmo tempo que em teoria destroem os métodos do «culto da personalidade», acolhem com extraordinária irritação e com um sentimento de raiva qualquer iniciativa concreta para a democratização e a limitação do seu poder, porque os métodos do «culto da personalidade» não são os métodos de Staline, mas sim os métodos da própria burocracia, que, também no tempo de Staline, envenenava a realidade soviética e que depois de Staline sufoca e persegue tudo o que é vivo, activo e verdadeiramente soviético.

Com efeito, o «culto da personalidade», se temos que falar dele, era uma simples repetição (provavelmente a mais elevada) do culto da burocracia, cujos representantes eram, no seu gabinete, uma «personalidade». Os oportunistas vêem no «culto da personalidade» a origem do burocratismo, quando este não é mais do que uma consequência. Foram precisamente os burocratas que profanaram a afeição que o povo sentia por Staline, transformando-a num rito mecânico. E não o faziam sem cálculos egoístas, pois que isso lhes permitia exigir que se adoptasse em relação a eles uma atitude semelhante. Enquanto em público punham nas núvens o nome de Staline, os burocratas murmuravam e resmungavam no seu círculo familiar. Odiavam Staline porque ele era a coluna vertebral do Estado socialista que se alimentava da seiva do povo, enquanto eles não passavam de pilares apodrecidos do edifício do Estado. Não é de estranhar que os burocratas se esforcem em encobrir o seu ódio a Staline com um manto humanitarista e democrático! De facto, a coberto da crítica a Staline, os burocratas vomitam todo o seu ódio à ditadura do proletariado, que eles serviram porque Staline a isso os obrigava.

Pode-se considerar a usurpação do poder pela burguesia e a luta contra ela como uma manifestação da luta de classes? Como se sabe, os oportunistas, em geral, negam a existência da luta de classes na União

Soviética. Compreende-se que não queiram falar em luta de classes, na qual desempenham um papel antipopular, porque isso seria perigoso para eles. Por isso mesmo, esta questão merece uma análise atenta e multilateral.

A política burguesa de classe da burocracia soviética manifestou-se muito claramente no facto do seu primeiro passo ter sido a abolição oficial da ditadura do proletariado. Claro que isso se fez sob o pretexto de, pretensamente, já não ser necessária na União Soviética. E isso fez-se nas condições em que metade da humanidade se encontra ainda sob o jugo do capitalismo; em que, portanto, mesmo no interior da União Soviética, não podem deixar de se manifestar os efeitos dos conflitos de classe mundiais e as influências burguesas. A burocracia contrapôs à ditadura do proletariado e ao Partido do proletariado «o Estado de todo o povo» e «o Partido de todo o povo». Mas quando falam do «Estado de todo o povo» e do «Partido de todo o povo», dizem apenas que esse Estado e esse Partido são dirigidos pelos «dirigentes», isto é pelos burocratas, que actualmente não representam nenhuma classe trabalhadora, nem ninguém a não ser eles próprios.

Mas olhai para os burocratas soviéticos! Acaso se poderia falar no nosso país numa verdadeira reeleição de todas as pessoas que ocupam cargos de responsabilidade — reeleição feita não de cima (pela via burocrática), mas a partir de baixo (pelo método democrático)? Daqui se deduz que toda a vida prática do país é dominada pelos burocratas. O povo não os poderia destituir se o quisesse fazer. Ao passo que a burocracia pode destituir qualquer funcionário do aparelho de Partido ou do Estado, se ele for, na sua opinião, demasiado honesto e fiel aos interesses do povo. Reparem nos vencimentos dos nossos burocratas, nos seus carros, nas suas casas de campo. Quando se toca nos seus privilégios, desatam a vociferar de modo repugnante sobre a «vulgarização do marxismo», sobre o «abandono do princípio do interesse material» e, por último, sobre o «stalinismo». A transformação dos burocratas de servidores do Estado em donos dele tornou-se hoje em dia uma realidade na URSS.

Mas não foi a direcção oportunista do PCUS, toda a burocracia soviética, que publicou o programa de edificação do comunismo e que se esforça edificar o comunismo? O segredo de toda esta pressa dos burocratas soviéticos rapidamente se descobre se nos lembrarmos que, quanto ao comunismo, que ainda não edificaram, eles aboliram a ditadura do proletariado. Mas basta ver mais de perto para percebermos o que significam, não em palavras mas na prática, esse programa e essa edificação do comunismo. Ao lermos o programa oportunista, não podemos deixar de ficar surpreendidos com a sua total inconsistência e o seu lamentável carácter declarativo. Fala-se nele da construção de creches e de jardins infantis, de parques e de piscinas, fala-se sobre o aumento da democracia, mas não se encontra qualquer análise da realidade que seja o ponto de partida de todas estas grandes realizações e é precisamente por isso que aí não há nada sobre a via em que se deve prosseguir. Podemos imaginar a indignação dos oportunistas perante uma afirmação destas!

A burocracia converteu a demagogia social num apoio do seu bem-estar. O povo apercebe-se instintivamente do verdadeiro estado de coisas e diz que os burocratas há já muito tempo que vivem no comunismo.

Os oportunistas gabam-se das brilhantes realizações da URSS, como a conquista do cosmos, o desenvolvimento da base energética e outras. Mas acaso lhes cabe a eles o mérito destas realizações? Não serão elas o fruto das sementes lançadas por Staline? Acaso não são estes sucessos o resultado da inércia do nosso movimento anterior? É fácil alardear realizações. Então que os oportunistas falem de iniciativas suas que não tenham acabado vergonhosamente.

Ainda poderá haver dúvidas sobre a completa degenerescência da burocracia, sobre o vazio total que ela criou em todas as formas da vida e da consciência socialistas, quando passamos os olhos pela nossa vida quotidiana actual? Uma total falta de entusiasmo entre as massas, uma completa indiferença pelo trabalho, uma vida social transformada numa comédia,

um completo domínio dos princípios egoistas, a opressão de tudo o que é vivo, activo e são — eis o balanço do domínio do sistema burocrático. É preciso ter perdido completamente a consciência, ter perdido completamente o bom-senso e ter ainda perdido as noções e a mínima lembrança da revolução e do bolchevismo; enfim, é preciso ter-se definitivamente vendido para não perceber e para negar tudo isso. De que serviços prestados ao povo, de que laços com as massas podem falar os burocratas que fuzilaram operários em greve mais do que uma vez? Todos os esforços dos oportunistas visam enganar o povo soviético, corromper a nossa juventude, deformar a história revolucionária, calando o facto de que toda a sua essência consistiu na afirmação do bolchevismo, que em si mesmo representa a cultura mais complexa e mais elevada da revolução. Os oportunistas revêem o bolchevismo, marcam todas as suas manifestações com o selo do dogmatismo e do talmudismo, vingando-se do bolchevismo por no passado terem sido obrigados a submeter-se a ele e pelo medo que secretamente ainda hoje dele têm. É preciso retirar a máscara da tradicional glória bolchevista, da fraseologia marxista, das promessas vagas, com que se cobre esta camarilha de oportunistas. Então surgirá perante nós o pequeno-burguês enfurecido, insaciável e, ao mesmo tempo, cobarde. Mas o burocrata soviético nem sequer é um verdadeiro burguês; as condições sociais não lhe permitem isso. Não passa de uma absurda paródia do burguês, não passa de um pequeno-burguês que pende para a ideologia e para a situação do burguês. É esta a razão por que ele se esforça com toda a alma por adoptar o estilo de vida «ocidental». Mascarando o seu servilismo com frases sonoras sobre a sua largueza de ideias, troçando das concepções verdadeiramente marxistas, que ele qualifica de dogmatismo e teimosia ortodoxa, o burocrata soviético degenera totalmente e passa por qualquer meio para a atmosfera repugnante da vida burguesa, que lhe está na pele e que ele adopta mesmo nos seus hábitos quotidianos, mesmo no seu modo de vestir, mesmo nos objectos artísticos que servem para uso doméstico. Publicamente, o burocrata vê-se obrigado a manter-se dentro dos limites da respeitabilidade soviética, mas no seu círculo privado dá livre curso aos seus sentimentos verdadeiros, dando folga aos princípios soviéticos. No seu círculo privado, ele procura que o seu espírito torturado pela ideologia esteja rodeado pelos trapos do mundo burguês e assiste a filmes que, pelo seu conteúdo corrupto, são proibidos mesmo na Europa burguesa. É precisamente em terrenos destes que crescem os traidores à pátria declarados, como Penkovski.

Eis os disparates que dizem os burocratas quando se trata da teoria socialista. Houve dogmatismo no tempo de Staline? Sim, houve. Nós respondemos assim, sem de modo nenhum recearmos este facto. O dogmatismo foi o resultado natural e inevitável da nossa ignorância geral, do período de aprendizagem da assimilação do marxismo pelas massas. Quando assimilamos uma teoria, começamos por a assimilar de uma forma dogmática. A utilização livre, criadora, surge a par do domínio perfeito dessa arma. Passa-se a mesma coisa no campo do pensamento dialéctico. Isto é compreensível para qualquer pessoa que quer compreender alguma coisa. Este dogmatismo tem que ser superado, mas isso não quer dizer que tenhamos que trair o marxismo, como fazem os oportunistas, e substituí-lo pela liberdade burguesa de opinião. Os burgueses são livres de opinião, porque ela é completamente ôca.

Mas não podemos dizer que essas pessoas não se preocupam nada com o marxismo. O carácter tragicómico da sua posição assenta no facto de eles só poderem conservar a sua própria existência preconizando, em palavras, o marxismo. Eles mantêm-se lendo o livro em que está escrita a sua condenação à morte. Por isso não é de admirar que eles se esforcem por deformar o que lêem, por atenuar a força dessa condenação. Tirando partido do facto dos outros ainda não os conhecerem, tentam arranjar maneira de pôr o marxismo atado de pés e mãos, de lhe limar «todas as arestas», de modo a ajustá-lo ao seu conforto pequeno-burguês.

Temos perante nós um inimigo de classe e um inimigo ainda mais perigoso porque usa o nosso uniforme, porque, no fogo do combate de classe, poderíamos confundi-lo com os nossos, poderíamos confiar nele e correr o risco de sermos apunhalados pelas costas.

IV — OS OPORTUNISTAS NA ARENA MUNDIAL

Se na URSS o oportunismo conduziu ao abandono da via socialista e ao desordenamento da organização social, as suas consequências ainda são mais graves e perigosas no plano internacional. Nas condições em que alguns destacamentos nacionais de comunistas se encontram em diferentes fases de desenvolvimento, em que muitas vezes não só não superaram a etapa stalinista como ainda não a atingiram, a crítica falaciosa dos oportunistas a Staline provocou grandes prejuízos ao movimento comunista, armou todos os elementos pequeno-burgueses hesitantes no seu seio — os elementos que, por todos os meios, se furtam à disciplina revolucionária, à submissão à unidade do Partido e ao espírito de abnegação rigoroso, sem os quais o comunista não pode ser comunista. As actuações da direcção oportunista do PCUS abriram horizontes a todo o tipo de manobras demagógicas e à traição secreta nas fileiras dos partidos comunistas, para especularem com as coisas mais sublimes e mais sagradas para o comunista : a verdade e a pureza ideológicas. Actualmente, todos os intriguistas e hipócritas, todos os ambiciosos falhados têm a possibilidade de não se submeterem à direcção revolucionária, aos guias revolucionários, acusando-os de «stalinismo». Assim, a crítica do «culto da personalidade» de Staline tornou-se a maior provocação à escala de todo o movimento comunista, provocação que tem como objectivo «deixar sem comando» os seus vários destacamentos.

Todavia, ao falarmos do oportunismo na arena mundial, temos de examinar a sua influência não só na organização interna do movimento comunista, mas também na política internacional dos comunistas. Mais acima, afirmámos que os oportunistas, nas suas teorias, não dizem nada da sua autoria, mas deformam os factos que existem realmente. No que respeita ao seu afastamento dos ideais revolucionários, das acções revolucionárias na arena mundial, encontraram, apesar de tudo, uma explicação «real» — é a luta pela paz.

Quando se trata da guerra e da paz, e quando se propõe uma escolha abstracta entre os dois, é claro que qualquer pessoa normal escolhe, sem hesitar, a paz. Especulando com esta aspiração natural e muito poderosa, os oportunistas tentam apresentar a situação como se eles fossem pela paz sem reservas e sem dúvidas, enquanto que os seus adversários tentam tratar duma política qualquer sob a ameaça do extermínio geral, tentam edificar o comunismo sobre as ruínas atómicas, etc. «Paz custe o que custar» — declarou uma vez Kruchtchev sem rodeios. Estamos ameaçados por uma guerra atómica; antes do mais vamos garantir a existência da humanidade, o resto vem depois — dizem os oportunistas em coro. Criam a impressão de que a questão da defesa da paz e a exclusão da guerra das relações entre os povos é inteiramente uma questão independente da luta de classes e pela sua natureza deve ser resolvida desligando-a dos problemas sociais. A decisão da Organização das Nações Unidas sobre a resolução de todos os conflitos entre Estados pela via pacífica, proibição das armas atómicas, desarmamento total e geral — tudo isso é um projecto para a instauração da paz na terra, um projecto que é apresentado e defendido insistentemente pelos oportunistas. É evidente que é preciso ter saído da luta para elaborar tais projectos e perguntar por que motivo os imperialistas não aceitam propostas tão razoáveis. Com efeito, porque é que os imperialistas não querem liquidar as suas bases ultramarinas e os exércitos coloniais, o que levaria à perda de toda a influência que têm à escala do globo terrestre e ao triunfo duma série de revoluções de libertação nacional e social? Porque é que os imperialistas não se querem desarmar, o que levaria imediatamente à perda da sua dominação de classe e das suas riquezas? Nem sequer é preciso estudar o marxismo para chegar a pôr tais questões estúpidas. Vão-nos dizer

que os imperialistas não lutam só contra o proletariado, mas também entre si, levados pelas suas tendências de rapina. É exacto. Mas este facto também não pode ser tratado apenas no plano subjectivo. Pessoalmente, um imperialista qualquer pode não ser insaciável, pode ser que não queira multiplicar as suas riquezas. Mas a necessidade de assegurar o lucro mais elevado é-lhe indispensável como condição da sua própria existência. Se tudo dependesse unicamente das qualidades pessoais dos capitalistas, pensavamos que eramos capazes de os chamar à razão (o que os oportunistas tentam fazer). Não, aqui não se trata unicamente das suas qualidades pessoais; as qualidades, por seu lado, são determinadas por factores materiais. Na verdade, a guerra não é o resultado da vontade pessoal de ninguém, é uma necessidade imperiosa do capitalismo. As contradições internas do sistema capitalista fazem com que, nas suas tentativas para assegurarem novos mercados, os países capitalistas entrem em conflito entre si, a crise de super-produção procura uma saída para as forças produtivas da sociedade capitalista e essas forças, dirigidas inapropriadamente, tomam a forma de produção de armas. A guerra é o resultado inevitável das relações sociais actuais no mundo capitalista. Falar da instauração da paz na base dum acordo geral com os capitalistas, significa falar do aniquilamento do sistema capitalista na base dum acordo com os seus representantes. A estupidez completa de tal projecto salta aos olhos. É por esse motivo que, ao defenderem a sua concepção da paz, os oportunistas tentam, por todos os meios, criar perante os povos a impressão de que se fazem progressos na via do desarmamento, etc. É precisamente por isso que traíram abertamente os interesses do povo: assinaram o tratado sobre a proibição parcial das experiências atómicas. Nos termos desse tratado, a URSS foi privada da possibilidade de fazer experiências atómicas em geral, enquanto que os Estados Unidos da América mantiveram essa possibilidade, uma vez que a proibição não abrange as experiências subterrâneas, que se podem efectuar, e se efectuam, nos EUA. Com efeito, nenhum inimigo pode ser tão terrível para nós como o oportunismo.

Só os oportunistas não vêem que apresentar a paz como um dever principal e primordial significa ajoelhar-se e levantar os braços. É uma atitude capitulacionista que permite aos imperialistas servirem-se de ameaças de carácter militar e atingir o seu objectivo sobre cada questão concreta no plano político e internacional. Por consequência, para «salvar a humanidade», temos de avançar pela via das concessões ilimitadas. Falando logicamente, no fim dessa via, dita humanitária, nós, bem como toda a humanidade, teremos de nos pôr de joelhos e aceitar o jugo imperialista.

É uma calúnia, dizem os oportunistas, não tencionamos recuar até esse ponto. Mas até que ponto tencionam recuar, meus senhores? Por outras palavras, vocês também têm de admitir que a luta pela paz tem um limite para todos os que não concordam em comprar a paz à custa da servidão. Noutros termos, não se trata de que os dirigentes do Partido Comunista da União Soviética estão, em geral, do lado da paz, enquanto que os comunistas da China e da Albânia estão, em geral, do lado da guerra. Por outras palavras, os oportunistas e os marxistas revolucionários compreendem duma maneira diferente a importância e o peso específico da luta pela paz no programa e nas acções dos comunistas.

Nós declaramos: Sim, a guerra é uma coisa horrível e temos de a combater consequentemente para a excluir completamente da vida da humanidade. Mas pode-se lutar contra a guerra e ser consequente nessa luta de maneiras diferentes. Podemo-nos erguer contra a guerra como contra um facto. É assim que os pacifistas lutam contra a guerra; de facto, os oportunistas também pendem para esse lado. É claro que tal luta pela paz representa em si uma orientação democrática burguesa, que tende a fazer desaparecer uma das piores consequências do sistema capitalista, a guerra, sem tocar este sistema, na sua essência. Como vemos, a atitude consequente, de pura forma, deste tipo é uma inconsequência flagrante na realidade. Para lutar de modo verdadeiramente consequente contra a guerra, é preciso lutar contra a origem e a causa das guerras no mundo actual — contra o imperialismo. Noutros ter-

mos, os comunistas não podem colocar a questão da guerra e da paz em primeiro plano e examiná-la isoladamente, ela é apenas uma parte da sua luta geral pelo socialismo. Não o negamos, iam dizer os oportunistas. Mas então, como é possível apresentar como linha geral do movimento comunista a luta pela consequência (a paz), em vez da luta pela causa (o socialismo)?

A lógica dos oportunistas distingue-se por uma simplicidade invejável: os países socialistas ocupam o lugar dirigente no movimento comunista; o seu dever revolucionário mais importante, segundo a expressão de Lenine, é o fortalecimento da sua economia; daí que o desenvolvimento económico dos países do socialismo se deva tornar, de facto, o objectivo principal ao qual todos os outros actos do comunismo mundial devem estar subordinados. Nem é preciso dizer que, nesse caso, as palavras «paz, custe o que custar» parecem plenamente justificadas e servem, aparentemente, a revolução mundial. Todavia, não é difícil descobrir a base egoísta e nojenta de toda esta lógica oportunista. Os países socialistas consideram o movimento comunista mundial como as partes consideram o todo. «A classe operária da URSS — disse Staline no XVII Congresso do PC (b) US — é uma parte do proletariado mundial, o seu destacamento de vanguarda, enquanto que a nossa república é uma criação do proletariado mundial. Não há dúvida que, se não beneficiasse do apoio da classe operária dos países capitalistas, não podia continuar no poder, nem assegurar as condições para a edificação do socialismo, e, por consequência, não obteria os sucessos que agora alcança... Mas isso impõem-nos numerosas obrigações. Isso significa que, através do nosso trabalho, temos de justificar o título honroso de brigada de choque dos proletários de todos os países. Isso obriga-nos a trabalhar e a lutar melhor para a vitória definitiva do socialismo no nosso país, pelo triunfo do socialismo em todos os países». Não há dúvida que o mesmo se pode dizer para o campo dos países socialistas no seu conjunto. Só orientando todas as suas acções e planos na base dos processos que se verificam em todo o movimento comunista mundial, é que os países socialistas podem realizar a sua missão histórica autêntica e praticar uma justa política revolucionária. Em vez disto, os oportunistas, desde os primeiros passos, praticamente começaram a insistir na sua hegemonia sobre todo o movimento comunista internacional. Serviram-se da posse da arma atómica como novo argumento a favor da sua posição dirigente.

Insistimos em repetir que os objectivos de classe não se podem atingir no quadro da luta pela paz. Mais ainda, a partir do momento em que a luta pela paz é erigida em linha fundamental do movimento comunista mundial, está em oposição aberta com a luta de classes. Com efeito, se os partidos comunistas dos países capitalistas se atribuíssem como dever principal a luta pela paz, perdiam a sua fisionomia de classe e, nos seus países, fundiam-se com a corrente dos partidários da paz, que tem um carácter democrático. A aplicação de tal política levava-os, para serem consequentes, ao abandono de qualquer acção minimamente firme e revolucionária, para não entrarem em conflito com a outra massa dos partidários da paz — com os representantes da pequena burguesia, da média e até da grande burguesia, que não estão interessados numa transformação revolucionária. Se calhar, a burguesia, ao pressentir a possibilidade de tal transformação não ia procurar a solução numa guerra, nas leis excepcionais do tempo de guerra, na vitória militar que lhe permitisse alimentar a sua classe operária com o saque realizado e, na pior das hipóteses, numa intervenção militar provocada? Não estamos aqui a expor (as nossas) considerações especulativas, mas a história real da Rússia tzarista. Que conferência de paz e que declarações permitiam evitar esta evolução dos acontecimentos? Ao que parece, para não «empurrar» a burguesia dessa maneira para a guerra, os trabalhadores tinham de abandonar as acções revolucionárias e a insurreição. Se não se compreendesse deste modo radical a luta pela paz e se não se falasse disso como da linha geral dos comunistas, era só lábia. E se avançassem até ao fim por esta via, era uma autêntica contra-revolução.

As insurreições revolucionárias e anticoloniais, em caso de vitória, levam sempre à intervenção estrangeira, à intervenção da burguesia mundial. A história da Rús-

sia no passado, o destino do Vietnam e do Congo actualmente são provas suficientes disso. No processo da penetração estrangeira, a revolução transforma-se numa luta do povo (interessado) contra a potência ou as potências estrangeiras. Aceitamos as guerras justas e repudiamos as guerras de rapina, declaram os oportunistas, armados em marxistas. Mas então como pode haver uma linha geral de luta pela paz para os partidos comunistas dos países capitalistas? A linha geral para eles só pode ser a luta de classes contra os capitalistas no país até à sua forma armada e pela luta revolucionária contra os intervencionistas estrangeiros.

Os trabalhadores dos países capitalistas também precisam de paz, dizem os oportunistas. Vociferam histericamente sobre a morte atómica, perdendo qualquer dignidade humana, tolhidos por um horror bestial. Mas quem querem assustar com ameaças? Os homens que hoje morrem aos milhões nos países do capital e nos países dependentes, de fome ou de doenças? Para dizer a verdade, só com um cinismo típico dos oportunistas é que se podia pregar, a quem morre de fome, a luta pela paz como dever primordial, e não a revolução. Os oportunistas, com o dia do julgamento final, querem meter medo aos resistentes do Vietnam do Sul e aos insurrectos do Congo, às suas mulheres e filhos? Para eles, o dia do julgamento final já chegou. Na sua aflição, como na de todo o seu povo, não desejariam encontrar imediatamente uma solução para os seus sofrimentos com uma luta mundial entre o capitalismo e o socialismo? Não lhes é igual morrer com napalm ou com uma bomba atómica? Naturalmente, os oprimidos ainda não se convenceram todos que mais vale morrer de pé do que viver de joelhos. Mas todos caminham nessa direcção e é a tendência da sua evolução. Por consequência, a ameaça da guerra atómica também não pode anular a linha geral dos comunistas para a revolução socialista.

O destino do campo socialista e da paz no mundo está indissoluvelmente ligado ao desenvolvimento do movimento revolucionário internacional. A verdadeira contradição entre os partidos comunistas, os países

socialistas e os países capitalistas surgiu porque os oportunistas, quando se apoderaram do poder na URSS, não se preocuparam nada com as perspectivas revolucionárias dos países socialistas e encararam a questão da sua existência dum ponto de vista puramente pequeno-burguês. É precisamente por essa razão que, também no movimento comunista mundial, os oportunistas tentam transformá-lo, duma base e força revolucionárias dos países socialistas, num apêndice que lhes seja dócil na arena da luta pela paz. Exactamente como na URSS, os oportunistas aproveitam-se das suas posições históricas temporárias para se amanharem à custa dos seus concidadãos; do mesmo modo, também na arena mundial tentam criar uma situação análoga em ligação com os partidos comunistas e, em geral, com as massas trabalhadoras dos países capitalistas, subordinando os interesses delas aos seus próprios interesses.

Não é difícil compreender que, para a realização da linha geral internacional, os partidos comunistas se devem apoiar em toda a classe operária, e mesmo em toda a massa dos trabalhadores nos países da Ásia, África e América Latina, enquanto que nos países capitalistas desenvolvidos devem apoiar-se apenas nas camadas mais pobres da classe operária e do campesinato. No entanto, na prática, verificamos, actualmente, que os partidos comunistas dos maiores países capitalistas se afastam deste princípio. Os comunistas europeus deviam conciliar-se com o facto de que a manutenção das posições de princípio marxistas conduzirá, inevitavelmente, a uma diminuição acentuada das suas fileiras. Mas isso pode ser um argumento para a traição oportunista? É um índice da fraqueza dos comunistas? Como se sabe, precisamente nas vésperas da Revolução de Outubro, houve um momento em que o número de bolcheviques diminuiu nitidamente. Lenine, por acaso, fazia concessões aos partidos do compromisso unicamente para aumentar o número de membros do partido bolchevique? Não, nunca. Isso impediu os bolcheviques de tomar o poder no momento decisivo, impediu toda a Rússia de quase se bolchevizar no espaço de alguns dias? De modo nenhum. Durante dezenas de anos a fio, os

partidos comunistas da Ásia e da América Latina lutaram em condições sobre-humanas e fizeram sacrifícios enormes para poderem efectuar as tentativas preliminares da propaganda marxista. Os comunistas europeus agora vão vender o marxismo por umas migalhas de glória pequeno-burguesa? Isso significa que os comunistas têm de abandonar a união de todas as forças progressistas na luta contra o imperialismo? Não, não é nada disso. Mas devem chegar a essa união sem se afastarem do marxismo, sem se fundirem com a massa pequeno-burguesa, mas pondo à prova, por um duro labor e com paciência, na base de factos reais, a sua justeza, a justeza da análise marxista das relações de classe, da política marxista. Claro, esta via da organização das massas é mais complexa, mais difícil e muito mais longa do que a especulação sobre os seus preceitos e tendências momentâneas. Mas a história não se deixa enganar, só se lhe pode dar esta ou aquela direcção na base de força da necessidade absoluta. Por isso Lenine dizia que a única política justa é a política de princípio.

Os factos mostram que, nos partidos europeus, actualmente, se constituem os núcleos dos verdadeiros partidos comunistas futuros. Não importa se, por agora, são apenas grupos, uma vez que crescerão inevitavelmente, desligar-se-ão da maioria oportunista e pôr-se-ão à cabeça dos movimentos revolucionários nos seus países. Os seus sucessos futuros estão assegurados pelo facto de que agora o proletariado dos maiores países capitalistas se revolucionariza rapidamente. Mas, ainda frequentes vezes, os revisionistas representam os partidos comunistas dos países capitalistas. Dá vontade de rir a sua basófia sobre os sucessos que medem pelo aumento do número dos membros do partido. Se pudessem completar o seu programa com a tese de que Jesus Cristo foi o fundador do comunismo, um dia podia ser que o Papa de Roma entrasse nas suas fileiras. O facto de que, na competição pela extensão da sua influência e pelo aumento do número dos seus membros, o partido francês e o partido italiano há muito que ultrapassaram todos os limites permitidos pelo marxismo, mostra claramente a sua atitude para com a **intelligentsia** burguesa. Acusam-nos de dogmatismo, mas se isso consiste em ter presentes os ensinamentos da história revolucionária, estamos prontos a admitir que somos dogmáticos. Sim, ainda nos lembramos da luta entre bolcheviques e mencheviques no II Congresso do Partido Operário Social-Democrata Russo sobre a questão de saber quem devia ser membro do partido. Foi então que ficou bem definida a seguinte questão: ou o partido era uma organização de revolucionários proletários profissionais, ou era uma pensão para intelectuais faladores, para os quais a adesão (ao partido) e a saída do partido não passa dum momento na sua biografia espiritual tão marcada, um momento que preenche o intervalo entre a paixão por uma qualquer teoria filosófica na moda e uma aventura amorosa.

Só em partidos como o francês e o italiano, onde a tendência pequeno-burguesa do compromisso sufocou definitivamente as aspirações autenticamente revolucionárias, é que podia surgir a ilusão da saída «pacífica» do capitalismo. Mesmo se, por acaso, o poder passasse para as mãos dum desses partidos que, pela sua natureza de classe, é uma salada russa, isso não era de modo nenhum uma vitória da ditadura do proletariado. Esse partido estava votado ao relaxamento, ao caos e ao desaparecimento sob os golpes dos carrascos contra-revolucionários. Tal vitória custaria inúmeras vítimas aos trabalhadores que seguissem os oportunistas. Claro, aqui também há uma variante «vitoriosa»: é a via dos trabalhistas ingleses, a via da colaboração aberta com o capitalismo. Mas, no seio do movimento comunista, os oportunistas ainda não tiraram as vestes marxistas da sua pele de burgueses, o que os leva a tentarem apresentar a passagem «pacífica» como uma autêntica marcha para o socialismo.

Ao defenderem a sua própria concepção da passagem «pacífica», os oportunistas referem-se a Lenine, que falava da eventualidade de tal passagem do poder para as mãos do proletariado em Junho de 1971. Mas essa eventualidade não passou duma pura eventualidade. E, facto bastante significativo, a história ainda não conhece nenhum caso que nos permita fazer um

juízo real sobre as condições da passagem «pacífica». Mais, baseando-se na facilidade do abalo inicial na Revolução de Outubro, os oportunistas tentam adaptá-la, de qualquer maneira, à teoria da passagem «pacífica». Tudo isso são lérias. Em primeiro lugar, a transformação de Outubro de 1917 passou-se quase sem derrame de sangue, não por causa duma orientação para uma resolução pacífica do conflito de classes, ou da utilização de meios pacíficos, mas porque as forças do proletariado dentro de Petrogrado eram, de longe, superiores às da burguesia, porque toda a esquadra do Báltico tinha passado para os bolcheviques e todas as praças de artilharia da fortaleza de Petropavlovsk estavam do lado do proletariado e assestadas sobre o Palácio de Inverno. Aliás, em Outubro de 1917, o poder do proletariado fez apenas o seu acto de proclamação, enquanto que a verdadeira luta entre explorados e exploradores continuou por mais quatro anos nas frentes da guerra civil. Será por acaso que os oportunistas nos propõem que consideremos precisamente essa epopeia sangrenta como uma passagem «pacífica» do poder para as mãos do proletariado?

Os oportunistas referem-se à passagem «pacífica» do poder das mãos da burguesia para as mãos do proletariado depois da guerra nos países da Europa Oriental. Mas só os oportunistas podem propositadamente menosprezar o facto de que a passagem foi o resultado da vitória da União Soviética na guerra, o resultado de que a burguesia desses países fora desarmada.

Hoje, podemos julgar concretamente como, na realidade, a luta pela paz está em conflito com a luta revolucionária de libertação, enquanto que os oportunistas fazem da luta pela paz o objectivo principal. O destino de Lumumba provou-o melhor do que nunca. Em vez de apoiar a luta revolucionária do povo congolês e de o ajudar a libertar-se das ilusões liberais pequeno-burguesas, os dirigentes do PCUS empurravam por todos os meios o Congo para a solução dos seus problemas através da Organização das Nações Unidas, por assim dizer, pela via «pacífica», garantindo a Lumumba o sucesso com a sua participação nessa organização. Isto desmoralizou os partidários

de Lumumba e ajudou os imperialistas que, estabelecendo o controle exterior da ONU no Congo, conseguiram raptar Lumumba com mercenários e fazê-lo desaparecer. Eis como a luta pela paz de Kruchtchev estão manchadas com o sangue de Lumumba.

Outro exemplo claro que mostra como os imperialistas podem especular com a luta pela paz nas suas actuações contra o movimento revolucionário de libertação é a situação actual do Vietnam. Hoje, os Americanos explicam as vitórias dos resistentes do Vietnam do Sul acusando o Vietnam do Norte e, sob a ameaça do perigo da guerra entre os dois campos, tentam obrigar os Vietnamitas do Sul a interromper a luta de libertação. Entretanto, os imperialistas podem apenas basear as suas esperanças nos nervos fracos dos oportunistas, imaginando que estes vão exercer uma acção pacificadora sobre os revolucionários. Claro, tal situação, ao mesmo tempo que os bombardeamentos provocadores do Vietnam do Norte, não podia durar se os dirigentes soviéticos seguissem uma política minimamente firme, se tivessem um mínimo de prestígio mundial. «Cospem-lhe na cara e ele acha que é o orvalho celeste —, diz um provérbio russo. Só assim se podem explicar as declarações que os oportunistas fazem no papel, quando deviam recorrer ao ultimato e a represálias que obrigassem, para sempre, os bandidos imperialistas a abandonar todas as veleidades de violar as fronteiras do campo socialista.

No decorrer da evolução das contradições sociais, os imperialistas acabam na guerra, e os trabalhadores na revolução. O perigo de revolução ainda multiplica mais os esforços dos imperialistas para sairem do impasse histórico em que se meteram por meio duma guerra. Mas isso significa que os trabalhadores têm de renunciar às acções revolucionárias, à revolução? Assustados, por falta de vontade ou por egoísmo, os oportunistas respondem: Sim. Os marxistas dizem: Não. Dizem-no porque é impossível afastar-se da evolução das contradições objectivas, que traduzem a evolução da história da humanidade; o crescimento do movimento revolucionário, ao acentuar os desígnios subjectivos dos imperialistas com vistas a uma guerra, tira-lhes, ao mesmo tempo, a possibilidade objectiva

de desencadear essa guerra. Não compreender, actualmente, esta dialéctica, é abandonar o comunismo, abandonar a revolução. Os oportunistas, que tentam impor ao movimento comunista mundial a luta pela paz como linha geral, como vemos, lutam por criar uma aparência de paz, para acabar numa aliança instável e mistificadora com os imperialistas à custa duma autêntica garantia de paz — do desenvolvimento do movimento revolucionário. Desorganizando as massas, desorganizando os partidos comunistas, enfraquecendo o potencial militar dos países do socialismo, os oportunistas não só não contribuem para a eliminação da guerra termonuclear global como, de facto, conduzem a essa guerra.

Existe um meio real para acabar com a chantagem atómica dos imperialistas, com o seu equilíbrio monstruoso à beira do abismo da guerra termonuclear, existe um meio efectivo para lhes tirar das mãos a arma atómica? Sim, existe. Em que consiste esse meio? Em conversações, petições, manifestações e outros? Não, nada disso pode persuadir os imperialistas. Só há um meio para fazer com que falhe a chantagem atómica: é enfrentá-los. Os oportunistas, que espalham o pânico sobre a ameaça de guerra termonuclear não notam uma coisa muito simples: se os imperialistas pudessem começar realmente uma guerra geral, já o teriam feito há muito. Começavam ontem ou hoje, neste mesmo instante, porque a sua situação há muito que exige o emprego de todas as forças, de todos os meios e possibilidades. Estão sobre um vulcão revolucionário, sentem a terra escaldar debaixo dos pés. Hesitariam pois, um só instante, em fazer desaparecer da face da terra algumas centenas de milhões de homens, a partir do momento em que fazem desaparecer muitos mais no decorrer da sua exploração de classe e colonial? O que os impede de o fazer é a ideia de que, ao mesmo tempo, também desapareceriam da face da terra. Os imperialistas são absolutamente incapazes de aceitar serem aniquilados por considerações ideais, só para baterem com a porta à saída, como despedida. Não ultrapassarão esse limite se os oportunistas não dispensarem o exército revolucionário do proletariado mundial e

não sabotarem o potencial militar do campo socialista. Os oportunistas, por fraqueza e indecisão, provocam eles mesmos a arrogância dos imperialistas, brandem logo, os seus foguetões à pressa e, depois, quando o conflito adquire uma importância do princípio, retiram, cobrindo-se, tanto a si como aos seus aliados, de vergonha.

Aqui não se trata de que os imperialistas respeitem os direitos da União Soviética, dizemos nós, em nosso próprio nome, mas sim que respeitem os direitos de todos os povos do mundo. E os trabalhadores soviéticos apoiar-nos-ão, cerrando fileiras como um só corpo. Os povos do mundo têm de saber que, se num dado país e por um dado motivo, a União Soviética se viu coberta de vergonha, a responsabilidade não recai sobre os trabalhadores soviéticos, que, pela sua luta de cinquenta anos, deram provas da sua abnegação revolucionária; a culpa é dos oportunistas. O medo não lhes deixa ver a essência da chantagem atómica. Mas pensam que eles continuam a acreditar nessa chantagem? Não, os oportunistas exploram por conta própria essa chantagem. Isso viu-se melhor do que nunca na ruptura com a China, quando, a pretexto da preparação contra-atómica, começaram a projectar em todos os écrans da URSS um filme que mostrava os horrores dum ataque atómico. Os oportunistas tentam semear, nos países socialistas, a psicose atómica para assustar os nossos, para fazerem de modo a que os que decidissem levantar-se abertamente contra eles, não tenham possibilidade de polemicar com eles, declarando-os, por causa disso, partidários da guerra atómica. Na realidade, os oportunistas tomam uma parte muito activa na política de chantagem atómica, e apoiam com todas as suas forças essa política.

A serpente do capitalismo não pode travar um combate mortal com o socialismo porque está completamente dilacerada e retalhada pelas contradições internas do seu sistema social. Procura concentrar-se e formar um todo através duma série de pactos e alianças em todas as partes do mundo, mas isso não serve de nada. Então, cega pela demência, a serpente envenena os que pode: os povos pequenos, as mu-

lheres e as crianças pacíficas do Vietnam do Sul e do Congo. É inútil falar aqui de virtudes humanas superiores, mas era não ter qualquer sentimento de vergonha não dizer «não» a esse monstro, não lhe esmagar a cabeça e arrancar-lhe o seu dente terrível: a arma atómica.

V — AVANTE, COMUNISTAS!

É necessário uma enorme energia revolucionária sem precedentes, para agir como acabamos de dizer.

A este respeito devemos, em primeiro lugar, salientar o facto de que actualmente todas as contradições sociais se encontram emaranhadas numa rede extremamente complicada. Se no passado existiam muitos sectores da luta de classes dispersos, e desligados uns dos outros, nos quais se defrontavam o proletariado e a burguesia locais; se a essência dos problemas sociais em cada caso era muito clara e se em tais condições cada partido comunista se podia apoiar completamente nas suas próprias forças e iniciativa; actualmente, o mundo inteiro converteu-se num único campo de batalha social, no qual o socialismo e o capitalismo se defrontam como duas forças organizadas. Hoje em dia, a solução de qualquer crise local adquire, em regra, importância mundial.

Na verdade, a união de todas as relações e contradições sociais, não só não elimina o problema da revolução, como, pelo contrário, o coloca com uma premência e num grau nunca vistos até agora. Coloca-o, não como uma forma particular, mas sim geral: um complexo único exige uma solução única. Compreender isto de forma clara e definitiva, depois de uma longa evolução do movimento comunista através das camadas particulares, nacionais, é naturalmente difícil. Por isso mesmo é ainda mais importante declarar francamente: tudo aquilo que Marx e Engels disseram no momento do nascimento do movimento comunista, tudo aquilo que os operários e soldados russos escreveram nas suas bandeiras antes do ataque de Outubro, implica actualmente para nós tarefas históricas concretas. Devemos prepará-las incansavelmente e em todo o mundo, esclarecendo todas as nossas opiniões e acções. Estamos a falar da revolução mundial.

Tratemos este assunto de um ponto de vista histórico. O desenvolvimento do capitalismo, na época de Marx, era um desenvolvimento inicial, que, na realidade, se fazia dentro dos limites determinados pela época feudal. Dentro destes limites (com excepção dos E. U. A.), o mundo capitalista representava em si mesmo uma unidade económica tão limitada e as suas contradições tinham-se agudizado e complicado tanto que Marx via com muita razão o desaparecimento do capitalismo como resultado de uma revolução mundial conjunta, de uma guerra revolucionária geral.

Contudo, durante as guerras pelo domínio das colónias e com o desenvolvimento do capitalismo monopolista, manifestou-se claramente a lei mais importante do desenvolvimento dos países capitalistas — o seu desenvolvimento desigual. O desenvolvimento desigual do capitalismo tornou-se um obstáculo à revolução em todos os continentes. A situação económica, o poder dos exploradores e o desenvolvimento do movimento operário nos vários países capitalistas eram muito diferentes. Mas este desenvolvimento desigual criou a possibilidade — e Lenine reparou nesta possibilidade — de quebrar o elo fraco da cadeia do capitalismo. A teoria leninista da revolução num só país foi sem dúvida nenhuma um posterior desenvolvimento da teoria da revolução.

Apesar do diferente nível de desenvolvimento e da diferente situação dos países capitalistas, têm-se criado entre eles, em geral, relações de tal ordem que só podem ser modificadas alterando todas as correlações; quer dizer, o mundo, na sua situação contraditória, tornou-se de novo único, como nos tempos de Marx. É evidente que na etapa actual da evolução da luta de classes, não podemos deixar de voltar à concepção de Marx, a respeito da revolução mundial, e agora de maneira definitiva.

Quererá isto dizer que a teoria leninista sobre o desenvolvimento desigual do capitalismo e sobre a ruptura dos seus elos fracos particulares se revelaria

errada actualmente? É evidente que não. A preparação da eclosão da revolução mundial geral não só não exclui a ruptura da cadeia do imperialismo nos seus elos fracos, a luta revolucionária dos povos nesse sentido, como pressupõe essa luta, a sua intensificação contínua e em todos os países. O «elo fraco» é hoje toda a Ásia, a África e a América Latina. Segundo as palavras dos camaradas chineses, estes continentes transformaram-se numa «zona de tempestades revolucionárias». Quando os oportunistas gritam que os marxistas revolucionários subestimam o papel dirigente do campo socialista no movimento comunista mundial relativamente a este problema, entregam-se claramente à demagogia e a maquinações de lógica. O papel dos países socialistas também é claro para a China, para a Albânia e para todos os revolucionários. Falaremos disto mais tarde. Mas isso não impede que os países da Ásia, da África e da América Latina sejam o ponto fraco onde tem lugar a liquidação posterior dos elos da cadeia capitalista. Ao negarem isto, os oportunistas contemporâneos comportam-se exactamente como os cabecilhas europeus da II Internacional, que negavam a teoria leninista do triunfo do socialismo na Rússia atrasada. A definição dos países da Ásia, da África e da América Latina como «zonas de tempestades revolucionárias» é uma contribuição e um desenvolvimento prático importante da teoria leninista do «elo fraco». Os oportunistas, recusando-se a compreender isto, estão em oposição à teoria leninista, a qual adquire hoje em dia uma nova e muito maior importância e, exactamente como que fechando o ciclo, nos reconduz à via da revolução mundial.

É caso para se salientar que o ímpeto revolucionário mundial, que apenas começa, é o terceiro na cronologia da história do desenvolvimento do movimento operário mundial. O primeiro, surge aproximadamente nos meados do século passado. Nessa época apareceu a teoria do socialismo científico, proletário, em luta contra as teorias utópicas do socialismo e contra os seus projectos de passagem ao socialismo por via evolutiva. O movimento revolucionário tinha à sua frente Marx e Engels. Todo este período está marcado pela grandiosidade da Comuna de Paris.

O segundo ímpeto revolucionário, que começou antes da primeira guerra mundial e que atingiu o apogeu durante essa guerra, foi uma nova etapa, superior, do desenvolvimento da revolução proletária. Nesta etapa, o marxismo foi desenvolvido e aprofundado por Lenine. Este desenvolvimento do marxismo processava-se, então, através de uma luta directa contra os oportunistas da II Internacional e contribuía, antes de mais, para o arrancar à sua influência nefasta. A política revolucionária dos bolcheviques russos, dirigidos por Lenine, e a política revolucionária dos partidos comunistas que estavam a nascer na Europa, América e Ásia tiveram como resultado o aparecimento e fortalecimento do primeiro Estado da ditadura do proletariado: a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. É evidente que só lutando contra os oportunistas e vencendo-os, os comunistas podem acolher o novo ímpeto revolucionário, estando inteiramente preparados para se colocarem à sua frente. É certo que a orientação na via da revolução mundial afastará do movimento comunista os ideólogos pequeno-burgueses, que só aceitam o comunismo quando temperado com o molho oportunista. Por outras palavras, a cisão que actualmente se verifica numa série de partidos comunistas é inevitável. «Antes de nos unirmos — dizia Lenine — devemos separar-nos resoluta e definitivamente». Isto também é válido actualmente. Não há nenhum motivo para que o movimento comunista avance arrastando aos pés os grilhões oportunistas. Tanto mais que, no desenrolar dos acontecimentos revolucionários, as fileiras dos partidos comunistas serão completadas por milhares e dezenas de milhares de verdadeiros proletários das cidades e do campo que compreenderam a necessidade de acções verdadeiramente revolucionárias e que se mantêm fiéis de alma e coração à causa do comunismo. Uma enorme tarefa se nos depara: derrubar a dominação dos oportunistas no movimento comunista mundial, desmascará-los e destruir a sua autoridade aos olhos dos trabalhadores de todos os países, fazer com que o fumo seja substituído pelas chamas.

A luta revolucionária não só exige coragem e firmeza no momento decisivo, como também não pode ser levada a cabo com sucesso sem um trabalho diário

incansável e contínuo, sem uma firmeza de ferro, sem um plano frio e realista. No princípio, o próprio golpe vibrado contra os oportunistas, fosse de que maneira fosse, era um grande facto histórico, um grande feito revolucionário. Os povos da China e da Albânia, que neste capítulo atravessaram provas difíceis, mereceram o reconhecimento e a admiração de todo o proletariado mundial e a sua firmeza não será esquecida pelos séculos fora. Contudo, os oportunistas mobilizaram hoje em dia todas as suas forças, toda a sua ciência e todas as suas capacidades para lançar o descrédito sobre o marxismo revolucionário e para lhe barrar o caminho que conduz ao coração dos trabalhadores. Nestas condições, devemos ultrapassar os oportunistas, não só no campo da estratégia revolucionária geral (neste terreno a sua causa sofreu revezes desde o princípio), como também na táctica. Para que a nossa táctica revolucionária não se transforme pura e simplesmente num auto-sacrifício, é preciso definir com clareza e precisão a sua essência.

Também aqui podemos servir-nos da ajuda de Lenine. Na realidade, quando se analisam os problemas da agitação revolucionária à escala mundial, não podemos deixar de notar que actualmente a relação de forças na arena mundial lembra de modo impressionante a relação que existia na Rússia nas vésperas da Grande Revolução Socialista de Outubro.

Temos de novo diante de nós as três classes principais: a grande burguesia e o proletariado, numa situação de antagonismo irredutível, e a massa pequeno-burguesa rural, que se revolucionarizou ao mais alto grau, mas que é menos firme e consequente do que o proletariado. Quanto à actual divisão de classes no plano mundial, caracteriza-se por uma definição geográfica original: a burguesia — grandes países imperialistas; o proletariado — países do socialismo; a pequena burguesia — países em via de libertação na Ásia, na África e na América Latina. Dir-nos-ão que, em cada uma destas divisões, há também as relações internas de classe. Não o esquecemos. Mas aquela divisão não perde por isso a sua importância na análise das relações no plano mundial. Os marxistas revolucionários podem encarar a realidade com coragem: não têm motivo para procurar às cegas, pois estão de posse da imensa experiência da luta mais que centenária do proletariado, experiência analisada e generalisada, nas suas diferentes etapas, pelos maiores pensadores da humanidade: Marx e Lenine.

Para utilizar de modo correcto esta experiência, é necessário não esquecer que o sucesso da Revolução de Outubro e da futura revolução mundial é determinado por uma mesma condição: a capacidade do proletariado para atrair a si as massas democráticas do campesinato, para as desligar da burguesia e para as organizar na luta revolucionária. No momento actual, o aspecto mais importante deste problema é a atitude dos países socialistas em relação aos povos da Ásia, da África e da América Latina, que lutam pela sua libertação nacional e pela sua emancipação social. Não há dúvida de que os países socialistas podem e devem ajudar os países libertados da Ásia, da África e da América Latina. No entanto, de modo nenhum lhes devemos impôr o nosso programa comunista, tal como Lenine nunca o impunha às massas e partidos camponeses na Rússia. Os povos que lutam pela sua libertação devem convencer-se da necessidade da revolução socialista, pela sua própria experiência. Mas isto não significa que os comunistas possam esquecer o princípio de classe e apoiar a quem quer que seja.

Os países em via de libertação da Ásia, África e América Latina, que se encontram em oposição às potências capitalistas, tornam-se eles próprios teatro de uma luta terrível entre as tendências democráticas populares e burguesas. Os comunistas não devem alimentar quaisquer ilusões a este respeito. Nestes países, tal como aconteceu na Rússia, é mais fácil começar a revolução do que levá-la a cabo. A compreensão deste facto ajudar-nos-á a apreciar de modo mais correcto as perspectivas do movimento revolucionário nos maiores países capitalistas. A este respeito, embora se trate da cidadela do capitalismo, não devemos deixar-nos levar pelo cepticismo. Quanto mais os povos da Ásia, da África e da América Latina se libertem da dependência política e económica das potências imperialistas, tanto mais o capitalismo americano, europeu e mesmo australiano sente a terra escapar-lhe debaixo dos pés,

tanto mais é corroído por contradições internas, tanto mais é estimulado o movimento revolucionário nos maiores países capitalistas. A partir daqui, podemos falar do fim da expansão económica destes países depois da 2.ª Grande Guerra. No horizonte da economia capitalista desenha-se a crise geral. A vaga excepcionalmente alta do movimento grevista, que hoje em dia atinge os países capitalistas, anuncia futuras tempestades revolucionárias. Os comunistas da Europa, da América e da Austrália devem estar preparados para se porem à frente deste ímpeto revolucionário. Para tal, têm de se demarcar dos oportunistas e de criar a sua própria organização. São precisamente partidos como o Partido Comunista da Austrália, dirigido pelo camarada Hill, que guiarão os trabalhadores dos países capitalistas nas futuras batalhas revolucionárias. Actualmente, o proletariado dos países capitalistas têm mais dificuldades em se pôr em marcha do que as massas populares da Ásia, África e América Latina; mas quando esse proletariado se revoltar, soará a última hora da dominação capitalista. É precisamente esta a razão pela qual os comunistas dos países capitalistas devem encarar o futuro com audácia e compreender a grande missão histórica que lhes está confiada. Por difícil que seja para eles neste momento a aplicação de uma política revolucionária consequente, e qualquer que seja a superioridade dos oportunistas que os cercam por todos os lados, a difícil missão que deverão realizar será por essa mesma razão mais importante e gloriosa e a vitória mais brilhante.

Ao apreciarmos hoje as perspectivas do movimento revolucionário mundial, podemos afirmar que são mais brilhantes do que nunca. Vivemos numa época em que, como disse Molotov, todos os caminhos conduzem ao comunismo. Quer rápidas, quer lentas, todas as correntes do movimento revolucionário convergem presentemente para a torrente do mesmo rio impetuoso. Por mais duras que sejam as provas que os comunistas tenham que suportar, por mais graves que sejam as contradições internas manifestadas no movimento comunista, nada poderá fazer vacilar os marxistas dialécticos. Não há que temer as contradições, pois sem

elas não há evolução. Não há que temer os extremos: os contrários são os punhos da história, que se serve deles para abrir caminho para a frente.

Mas, quer isto dizer que não devemos conduzir os nossos esforços de modo que as nossas acções sejam razoáveis e tendam para um mesmo objectivo, que as energias revolucionárias sejam gastas de forma racional e que, nas soluções das questões de princípio, sejamos consequentes? É precisamente neste momento, quando se preparam para a batalha final contra o capitalismo, que as forças revolucionárias se devem tornar compactas como um punho fechado, que os interesses particulares devem subordinar-se a um objectivo único e a uma única vontade. Os camaradas chineses e albaneses são frequentemente criticados por não compreenderem o papel da U.R.S.S. Contudo, foi exactamente Mao Tsé-tung e não qualquer outra pessoa que, nas reuniões de Moscovo, propôs especialmente que se salientasse a posição dirigente do país dos sovietes no movimento comunista mundial. Os marxistas-leninistas fizeram tudo o que puderam neste sentido, mas tudo tem um limite. Desde o momento em que a autoridade, o poder material e a ideologia do Estado Soviético se transformaram inteira e completamente numa arma ao serviço do oportunismo no movimento comunista, a ruptura com a direcção actual da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas tornou-se uma necessidade inevitável e imperiosa para todos os verdadeiros revolucionários. A revolução russa, à custa de perdas incontáveis, teve nas suas mãos num dado momento uma cidadela para os proletários de todos os países e foi o porta-bandeira das grandes batalhas revolucionárias do começo do século XX. Neste momento o movimento comunista deve vir em socorro da revolução russa, da União Soviética. Para isso bastará condenar abertamente os cabecilhas oportunistas do PCUS, excluindo-os das fileiras comunistas e exigindo explicitamente que abandonem a sua direcção. Essa exigência seria uma prova da enorme força e desenvolvimento do movimento comunista mundial. Seria recebida pelos trabalhadores da URSS como um acto de solidariedade

revolucionária, dado que os soviéticos sempre consideraram a União Soviética como o primeiro bastião da Internacional Comunista.

Não oferece dúvidas que o isolamento dos cabecilhas oportunistas do PCUS nas fileiras dos partidos comunistas, os tornaria completamente impotentes mesmo no interior do país. De facto, a camarilha oportunista da URSS apenas se mantém de pé porque o nosso povo, embora veja claramente o carácter corrupto e egoísta da burocracia soviética, não o compreendeu ainda no aspecto social de classe, nem compreendeu a necessidade de uma luta dura e implacável até ao fim. Inculcar-lhes esta consciência significaria colocar os oportunistas numa situação catastrófica, pois, num país como a URSS, nem sequer uma hora se poderiam manter pela força das armas.

Mas existirão efectivamente as condições objectivas para derrubar os oportunistas na URSS? Os comunistas dos outros países, como não conhecem de perto as tendências e a vida dos trabalhadores soviéticos e avaliam a situação da opinião pública apenas por meio da imprensa, podem sobrestimar a força das tendências oportunistas (por exemplo, a importância da confusão pequeno-burguesa de que se ocupam os nossos literatos). É preciso que os comunistas dos outros países saibam que isso não é mais que o lixo que se encontra à superfície e que, por mais que faça, não pode decidir de nada. O destino da URSS está nas mãos dos operários e camponeses, nas mãos de milhares de simples comunistas; e eles têm, eles próprios, uma palavra a dizer. Não se deve esquecer que a crítica que os oportunistas formularam contra Staline foi um golpe directo e conduziu à vitória temporária dos oportunistas, pois foi dirigido contra a pureza ideológica e a honestidade do nosso povo, contra as qualidades que levaram o nosso povo aos grandes feitos e a suportar provas difíceis. Mas a classe operária da União Soviética nem nestas condições vacilou e não caíu na armadilha da provocação oportunista. O seu ódio contra os oportunistas não tem limites e apenas a falta de um programa concreto de acção a deixa provisoriamente desarmada. O campesinato soviético adopta uma posição cada vez mais firme face aos oportunistas. Encorajada a princípio pelas divagações de Kruchtchev, verificou logo depois que os oportunistas são praticamente impotentes. A crise da agricultura na URSS não se resolve com meias medidas. Trata-se, na realidade, do boicote de toda uma classe, e só uma política verdadeiramente revolucionária, verdadeiramente democrática, seguida pela ditadura do proletariado, abrirá para c campesinato soviético as perspectivas do futuro.

Claro que isto não cairá do céu. Para que o sistema burocrático seja derrubado na URSS, é indispensável criar uma corrente capaz de desencadear e levar por diante a cólera do povo e fazer progredir a luta popular. Mas não é necessário, de modo nenhum, neste caso, andar à procura. Temos diante de nós um caminho experimentado — o da reconstituição do partido do proletariado. Na verdade, o PCUS transformou-se numa organização de pura forma, numa cortina que dá à dominação da burocracia uma aparência democrática. É evidente que o novo partido proletário será precisamente o Partido Comunista (bolchevique) da União Soviética, reconstituído. Todos os que estão dispostos a lutar contra a burocracia, todos aqueles para quem as grandes vitórias revolucionárias do nosso povo e a causa da revolução mundial são sagradas, devem empenhar-se resoluta e definitivamente nesta via. Chegou a hora! Partindo das células isoladas e numerosas do PC(b)US até à sua fusão numa poderosa e invencível avalanche capaz de varrer os burocratas — eis a via a percorrer pelos comunistas soviéticos. A actividade das células do PC(b)US, as suas palavras de ordem e a sua propaganda devem transformar-se numa verdadeira guerrilha. É preciso que os burocratas sintam a terra a arder debaixo dos pés. É escusado dizer que surgirão heróis nesta luta! Os oportunistas, por causa do seu cinismo pequeno-burguês e da sua desconfiança em relação às pessoas, não vêem no mundo senão o princípio do interesse material. Contudo, o heroísmo e a fidelidade comunista do nosso povo não tem limites. Alguns dos nossos, submersos pela atmosfera sufocante da decomposição burocrática, sucumbem e perdem-se. Mas basta que se lhes mostre o bom caminho para que se realizem prodígios. Os organizadores das células do PC(b)US têm o dever de

compreender claramente a importância histórica da sua iniciativa, por mais reduzidas e débeis que sejam no início essa células. A sua perseguição despertará sem dúvida todo o povo e levará a uma confrontação entre as massas e os burocratas, o que a burocracia não será capaz de enfrentar.

Contudo, o fim dos oportunistas pode chegar muito mais cedo. A ausência de todo o apoio activo por parte dos comunistas torna possível a sua derrota pelas forças sãs e fiéis ao povo, existentes mesmo no interior da direcção do Estado Soviético. Em particular, é necessário não esquecer que muitos comunistas, que foram enganados e deram mostras de uma certa fraqueza no momento em que os oportunistas atacaram Staline, já compreenderam o seu erro. Tal como os Girondinos no dia seguinte ao assassinato de Robespierre se deram conta da sua impotência frente à reacção, também uma parte dos dirigentes do PCUS reconheceram o abismo em que tinham caído quando viram os resultados da crítica do «culto da personalidade» à escala mundial e a intransigência com que os trabalhadores da URSS receberam esta campanha. Podemos depositar uma grande confiança nos quadros militares soviéticos educados por Staline, os quais compreendem melhor do que ninguém o perigo de morte a que os oportunistas expõem a União Soviética. Todo aquele em cujo coração ressoa ainda o apelo da revolução, quem quer que não tenha ainda renunciado ao nome de comunista, deve compreender que, enquanto os oportunistas não estavam definitivamente desmascarados, a colaboração com eles era apenas um erro; ao passo que neste momento essa colaboração constitui uma cumplicidade nos seus crimes contra o povo. Derrubar os oportunistas e, imediatamente depois de criado um governo revolucionário, colocar a burocracia entre este governo e o povo como se fosse entre a bigorna e o martelo, tal é a missão que compete aos comunistas soviéticos. Não se trata de modo nenhum da liquidação total dos burocratas. De modo algum. Apenas se devem esmagar sem piedade os que se oponham abertamente à vitória da democracia. É necessário que a classe operária da União Soviética, depois de ter tomado o poder nas suas mãos, ponha na ordem os

burocratas e os obrigue a restituir pelo trabalho o que roubaram ao povo, a restituir pelo trabalho os conhecimentos e as capacidades adquiridas à custa do povo. É preciso que a condução geral dos assuntos políticos e económicos se faça segundo a vontade do povo, de acordo com as suas convicções e exigências. Não há dúvida que esta política será revolucionária, comunista, internacionalista, que os trabalhadores de todo o mundo dirão: esta é a nossa política!

Viva a sagrada bandeira vermelha, a bandeira da revolução socialista, a bandeira de Marx, Engels, Lenine e Staline!

Por mais que os oportunistas tentem cobri-la de lama, não a conseguirão sujar. Por mais que tentem baixá-la ao seu nível, há forças no mundo que a manterão içada bem alto — para elas, honra e glória! Aproxima-se a hora em que esta bandeira voltará a flutuar na pátria do socialismo.

Viva o Partido Comunista Bolchevique da União Soviética!

Que nos ouçam os nossos amigos e inimigos de todo o mundo: na Rússia, o bolchevismo está a renascer do pó e das cinzas, tal como a Fénix mitológica. Nós, os bolcheviques, compreendemos perfeitamente quanto são difíceis as tarefas que temos diante de nós; mas suportaremos tanto os sacrifícios como os sofrimentos, abençoando-os.

Fortes do pensamento de Lenine,
fortes da vontade de Staline
e animados pelo grande coração do nosso povo,
somos invencíveis!

ÍNDICE

I — Os chefes de Fila Oportunistas do Partido Comunista da União Soviética sob a Máscara do Marxismo 9

II — Staline e a Democracia Proletária 16

III — O Domínio da Burocracia 34

IV — OS Oportunistas na Arena Mundial 40

V — Avante, Comunistas! 54

QUE FAZER?

CADERNOS MARXISTAS-LENINISTAS

SEM TEORIA REVOLUCIONÁRIA NÃO HÁ MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO

A SAIR BREVEMENTE

SEDE PROVISÓRIA:
RUA DA FÉ, 26, 2.° — LISBOA-2

Este livro foi composto e impresso
na Tip. Garcia & Carvalho, Lda.
em Outubro de 1974
para
Edições Maria da Fonte